

**EDITOR:**

Marcos Marcionilo

**CONSELHO EDITORIAL:**

Ana Stahl Zilles [Unisinos]

Angela Paiva Dionisio [UFPE]

Carlos Alberto Faraco [UFPR]

Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]

Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipo]

Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]

Kanavillil Rajagopalan [UNICAMP]

Marcos Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFES]

Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]

Roberto Mulinacci [Universidade de Bolonha]

Roxane Rojo [UNICAMP]

Salma Tannus Muchail [PUC-SP]

Sirio Possenti [UNICAMP]

Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

Lev Jakubinskij  
Textos editados e apresentados por IRINA IVANOVA

Sobre a fala  
dialogal

Tradução russo-francês  
IRINA IVANOVA e PATRICK SERIOT

Tradução português  
DORIS DE ARRUDA C. DA CUNHA e SUZANA LEITE CORTEZ



Título original: *Lev Jakubinskij, une linguistique de la parole (URSS, années 1920-1930)*  
Textes édités et présentés par Irina Ivanova, traductions d'Irina Ivanova et Patrick Seriet  
© Editions Lambert-Lucas, 2012  
4 rue d'Isly, 87000 Limoges  
France

Dirção: ANDRÉA CUSTÓDIO  
Diagramação e capa: TELMA CUSTÓDIO  
Revisão: KARINA MOTA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J265

Jakubinskij, Lev  
Sobre a fala dialógica / Lev Jakubinskij ; tradução Dóris de Arruda C. da  
Cunha, Suzana Leite Cortez. - 1. ed. - São Paulo : Parábola Editorial, 2015.  
136 p. : 23 cm. (Linguagem); 65

Tradução de Lev Jakubinskij, une linguistique de la parole (URSS,  
années 1920-1930)

Inclui bibliografia e índice  
ISBN 978-85-7934-104-5

1. Linguagem e línguas. 2. Linguística. I. Título. II. Série.

15-21418

CDD-410  
CDU: 811

Direitos reservados à  
**PARABOLA EDITORIAL**  
Rua Dr. Mário Vicente, 394 - Ipiranga  
04270-000 São Paulo, SP  
pabc(11) 5061-9262 | 5061-8075 | fax: (11) 2589-9263  
home page: [www.parabolaeditorial.com.br](http://www.parabolaeditorial.com.br)  
e-mail: [parabola@parabolaeditorial.com.br](mailto:parabola@parabolaeditorial.com.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.  
**ISBN-978-85-7934-104-5**

© da edição brasileira: Parábola Editorial, São Paulo, agosto de 2015

## Sumário

Prefácio .....	7
<i>Irina Ivanova</i> .....	
Apresentação .....	29
<i>Irina Ivanova</i> .....	
Transcrição da língua russa nesta tradução .....	45
<b>Capítulo I</b> Sobre a diversidade funcional da fala .....	49
<b>Capítulo II</b> Sobre as formas do enunciado verbal .....	63
<b>Capítulo III</b> Sobre a forma não mediatizada .....	67
<b>Capítulo IV</b> Sobre o caráter natural do diálogo e artificial do monólogo .....	75
<b>Capítulo V</b> Observações sobre o diálogo em comparação com o monólogo oral e escrito .....	81
<b>Capítulo VI</b> A percepção na percepção da fala .....	87
<b>Capítulo VII</b> Os estereótipos do cotidiano e o diálogo .....	99
<b>Capítulo VIII</b> O diálogo e o automatismo da fala .....	107
<b>ANEXO</b> Bibliografia de Lev Jakubinskij .....	117
Referências bibliográficas .....	123

## Capítulo I

# Sobre a diversidade funcional da fala<sup>1</sup>

§ 1. A atividade linguageira [rečevaja dejatel'nost'] humana é um fenômeno *multiforme*, que se manifesta não só na multiplicidade infinita das línguas particulares, dos falares, dos patoás etc., nos dialetos dos grupos sociais e, finalmente, nos dialetos individuais, mas também no interior de uma mesma língua, de um falar, de um patoá (inclusive no interior do dialeto de um mesmo indivíduo)<sup>2</sup>, e que é determinado pela diversidade com-

<sup>1</sup> Eis uma dificuldade clássica de tradução: às três palavras *língua, fala, linguagem*, nitidamente diferenciadas na terminologia a partir dos trabalhos de F. de Saussure, correspondem duas palavras russas: *jazyk* et *reč*. Um terceiro candidato, *slovo*, não é utilizado por Jakubinskij. A linguística russa dos anos 1920 e 1930 utiliza frequentemente como sinônimos os termos *jazyk* e *reč*. Neste texto de Jakubinskij, o termo *reč*, de uso bem amplo, abrange tanto as manifestações verbais (por exemplo, a fala emocional) quanto o conjunto de textos escritos, assim como os diferentes registros (a linguagem do orador, a linguagem de um poema lírico, a linguagem científica), no sentido de modos de organização textual, o que não está distante do que virá a ser a noção de "gêneros do discurso" em Volosinov e, depois, em Bakhtin. O termo *jazyk* é utilizado seja como sinônimo de *reč*, seja para designar a linguagem em geral. Para maiores detalhes, ver Ivanova (2009).

<sup>2</sup> Jakubinskij adquiriu essa concepção da língua como *atividade linguageira* de J. Baudouin de Courtenay. Essa ideia era difundida entre os linguistas da Escola Linguística de São Petersburgo no início do século XX (L. Ščerba, E. Polivanov, B. Larin, S. Bernštejn) (cf. Leont'ev, 1961).

<sup>3</sup> A ideia de coexistência de dialetos individuais idiossincráticos foi desenvolvida por Baudouin de Courtenay (cf. [1871] 1963-1), embora o termo *diglossa* ainda não tenha sido usado por ele. Os alunos de Baudouin de Courtenay em São Petersburgo partilhavam essa abordagem.

plexa de fatores que têm a fala humana como função<sup>4</sup>. Sem levar em conta todos esses fatores e sem estudar as manifestações multiformes da fala que lhe correspondem funcionalmente, é impossível estudar uma língua como um fenômeno dado diretamente à percepção viva, nem desvelar sua gênese e "história".

§ 2. A linguagem é uma variedade do comportamento humano. Esse, por sua vez, é um fato psicológico (biológico) enquanto manifestação do organismo humano, e um fato sociológico, já que depende da vida coletiva desse organismo em sua interação com outros<sup>5</sup>.

Em decorrência dessas observações, os fatores que acabamos de expor serão ora psicológicos, ora sociais.

§ 3. O condicionamento psicológico da fala permite distinguir, entre suas variedades fundamentais: de um lado, a fala nas condições de um organismo em estado normal, patológico ou anormal<sup>6</sup>; de outro, a fala sob a influência predominante de um elemento emocional ou intelectual<sup>7</sup>.

Todas essas variantes (com exceção do organismo em estado anormal) são consideradas pela linguística atual. Entretanto, infelizmente, elas são apenas consideradas; quase não existem pesquisas concretas sobre os fenômenos linguísticos em função dos fatores mencionados. Até o presente momento, a linguística trabalha de modo disperso sobre a patologia da fala; os fenômenos da fala emotiva não são analisados. Não existe sequer material bruto para tratar essa questão, com exceção do emprego das palavras, domínio no qual estávamos longe de obter resultados satisfatórios.

<sup>4</sup> Função: no quadro do formalismo russo, esse termo era utilizado para designar dois fenômenos diferentes: Jakubinskij e Žirmunskij tomam esse termo emprestado da fisiologia. É a atividade própria de um órgão (por exemplo, a apreensão para a mão) ou a um fenômeno (por exemplo, a comunicação). Para G. Vinokur e Ju. Tynjanov, ao contrário, a origem dessa noção deve ser buscada na matemática: se um elemento de um sistema muda, então a totalidade dos outros elementos muda em função dele. É a dependência entre dois fenômenos em um sistema: "Chamo função construtiva de um elemento a relação que cada elemento de uma obra literária, enquanto sistema, mantém com os outros, e, por consequência, com o sistema como um todo" (Tynjanov, 1929).

<sup>5</sup> Essa concepção da linguagem como comportamento aproxima-se do behaviorismo americano de J. Watson (1878-1958), mais ainda da reflexologia de V. Bekhterev. Nessa época, a psicologia do comportamento, desenvolvida por I. Pavlov (1849-1936) e V. Bekhterev, era muito popular na Rússia. Jakubinskij, que mantinha contato com naturalistas (cf. sua biografia), estava a par dessas pesquisas.

<sup>6</sup> Ao distinguir a fala em seu estado normal, patológico e anormal, Jakubinskij segue os formalistas russos, que consideravam a criatividade verbal como um estado anormal distinto do patológico (Pogodin, 1913).

<sup>7</sup> N.L.Z.: Diane D. Diante da natureza psicológica da fala outras distinções mais ou menos importantes fazem-se necessárias; indicarei aqui apenas as principais.

A influência dos diferentes tipos de estados emocionais sobre a pronúncia não é absolutamente estudada, porém apresentaria um enorme interesse para a fonética histórica, a qual ora é reduzida ao silêncio, ora deve se limitar a observações superficiais e pouco probantes do tipo das que apresentei em meu artigo: "Sobre os sons da linguagem verificada" (Poetika, Petrogrado, 1919: 48<sup>8</sup>). Desse ponto de vista, o domínio da sintaxe também permanece inexplorado.

As coisas vão particularmente mal na linguística quando se trata de estudar a fala de um organismo em estado anormal. Penso, sobretudo, na atividade linguística no momento da criação de um poema lírico<sup>9</sup>, em que seria muito importante esclarecer essa questão. Certamente, nesse caso, seria possível encontrar na linguagem de um poema lírico as particularidades decorrentes da influência de um estado anormal do organismo, sem encontrar sua origem em considerações artísticas.

§ 4. Os fatores sociológicos podem ser classificados da seguinte forma. Convém levar em conta, primeiramente, as condições da comunicação<sup>10</sup> em um meio (ou meios) habitual(is) e as condições da interação com um meio (ou meios) inabitual(is); em segundo lugar, as formas da comunicação: não mediatizada ou mediatizada<sup>11</sup>, unilateral ou em alternância (sobre esse ponto, ver mais à frente); em terceiro lugar, os propósitos da comunicação verbal e do processo de enunciação<sup>12</sup>. Esses propósitos podem ser práticos ou artísticos, indiferentes ou convincentes (sugestivos), e, nesse último caso, exercem uma influência intelectual ou emocional.

<sup>8</sup> Trata-se do primeiro artigo de Jakubinskij, "Sobre os sons da linguagem, verificada" (1916) (cf. "Bibliografia de Lev Jakubinskij", n. 4).

<sup>9</sup> Os formalistas debatiam entre si sobre a natureza das obras líricas (Šklovskij, 1917).

<sup>10</sup> Obščenie significa tanto a transmissão unilateral de informação (do emissor ao receptor), como a troca verbal entre interlocutores. Abrange todos os contatos humanos. Para traduzir esse sentido geral, utilizamos a palavra comunicação. O termo troca é aplicado especificamente à tradução de obmen, tal como o emprego Jakubinskij.

<sup>11</sup> Jakubinskij utiliza dois antônimos: posredstvennyj vs neposredstvennyj, literalmente "mediatizado vs não mediatizado", isto é, é um sem intermediário. Esses termos são mais concretos que "direto vs indireto". Na época, posredstvennyj e neposredstvennyj eram utilizados por psicólogos e sociólogos como V. Bekhterev, A. Vvedenskij, P. Sorokin.

<sup>12</sup> Como a palavra alemã *Außerung*, que é um decalque do russo, a palavra *vyškožnyje* refere-se tanto ao fato de um interlocutor exprimir um pensamento (traduzimos, por *enunciação*), quanto ao seu resultado (utilizamos, então, *enunciado*). Nos capítulos seguintes, Jakubinskij utiliza *vysskazyvanie* no sentido de "processo de produção de um enunciado" (traduzimos por ato de enunciação). Essa tradução do termo *vysskazyvanie* por *enunciado* (traduzimos por ato de enunciação) não corresponde de maneira alguma à diferença que Benveniste faz entre esses dois termos.





banais a língua adquire clareza; pelo uso de palavras estranhas, de metáforas, de epítetos etc., ela se torna nobre e evita a banalidade. Os alongamentos, as reduções e as diferentes modificações das palavras contribuem amplamente para a clareza e a nobreza da língua. Uma mesma palavra pode perder a marca do cotidiano se o seu som for modificado.

Ao assinalar que as "expressões refinadas, as metáforas e outros tipos de linguagem figurada [obraznyj jazyk]<sup>24</sup> são uma propriedade necessária da "linguagem poética", Aristóteles propõe "substituí-las pela linguagem cotidiana", apresentando exemplos. Ele mostra, entre outros, que no mesmo verso iâmbico, em Ésquilo e Eurípedes, "ao se deslocar uma única palavra, o comum transforma-se em refinado". Mais adiante, Aristóteles polemiza com Arífrades, ridicularizando os trágicos, que "utilizam expressões inencontráveis no cotidiano" [običeitiie] e afirma que

se todas essas expressões são não triviais (quer dizer, poéticas — Jakub.), é porque elas deixaram de ser empregadas na *conversação cotidiana*. É muito importante utilizar palavras compostas, locuções refinadas e todos os recursos da linguagem poética. O mais importante é se reconhecer a linguagem figurada na linguagem poética.

É interessante que Aristóteles, ao falar das especificidades da linguagem poética, passe por todos os "aspectos" da língua: ele aborda a fonética ("por um som modificado", o lugar num verso), a derivação ("as palavras compostas"), o uso das palavras (as palavras não banais), a semântica (as metáforas, os epítetos). Ele não atribui um sentido predominante à métrica, nem funda suas distinções sobre a oposição entre os versos e a prosa. Já no capítulo I, ele escreve: "A matéria da poesia é *somente a palavra*, pouco importa que a obra seja escrita em prosa ou em versos, em apenas uma ou em várias métricas". Mais adiante, ele chega a polemizar com os representantes do "método formal" (eles já existiam naquela época), "que mensuram a poesia pela métrica", colocando em pé de igualdade Homero e Empédocles (p. 55-56)<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> Em grego antigo, era possível modificar na poesia a forma fonética de uma palavra por alongamento, encurtamento, introdução de uma sílaba sem modificar seu sentido. Essa modificação da forma tinha como efeito tornar a palavra "estranha", embora compreensível, por ornamentação (cf. Aristóteles, trad. Dupont-Roc & Lallot, 1980, p. 350-351).

<sup>25</sup> *obraznyj jazyk*, "linguagem figurada": Aristóteles utiliza *μετροποιία* para designar tanto "imagens" conforme a interpretação do tradutor russo, quanto "a metáfora" em seu sentido próprio de comparação. Foram os formalistas russos que traduziram *μετροποιία* por "linguagem figurada".

<sup>26</sup> Essa observação é uma crítica à abordagem formal. Com *Sobre a fala dialógica*, Jakubinskij toma distância do formalismo.

Do mesmo modo, como se pode ver a partir do que precede, Aristóteles não concede importância específica ao "figurado". Ao falar das metáforas (e do figurado), permanece no mesmo plano da observação linguística (e do figurado), opondo-as à "linguagem cotidiana", sem entrar na (breve) *razumetivnii*, opondo-as à "linguagem cotidiana", sem entrar na análise do pensamento particular próprio ao poeta. Em outra passagem (cap. 21, p. 85), o caráter metafórico é situado no mesmo nível de outros fenômenos linguageiros: "O nome pode ter um uso comum, pode ser um empréstimo a outro dialeto, pode ser empregado *metaforicamente*, pode servir para embelezar, ser novamente inventado, *entendido, reduzido, modificado*". Contudo, quando indica que "o mais importante é ser um conhecido da linguagem figurada", Aristóteles argumenta dizendo: "De todos os aspectos da poesia, essa é a única que se pode aprender". E mais à frente, ele retoma as "palavras compostas", as "palavras refinadas" etc. (p. 89). Ao elaborar a noção geral de linguagem poética, ele considera todos os aspectos da fala, fundamentando sempre sua análise na comparação os aspectos da fala, fundamentando sempre sua análise na comparação entre o poético e o cotidiano, banal, o uso comum que é próprio à conversação cotidiana, e na sua interpretação da linguagem poética, ele parte da oposição entre ela e a linguagem cotidiana. É necessário notar que, em cada manifestação da língua poética, Aristóteles considera necessária a presença do cotidiano, que torna a compreensão possível e clara. Quanto às especificidades da fala poética [poeticheskoja reč], suas características essenciais, Aristóteles as enquadra na categoria do "sublime".

Salientemos ainda que Aristóteles tem uma abordagem objetiva e propriamente verbal, eu diria propriamente linguística, da questão. Ele analisa a fala poética do ponto de vista das especificidades verbais, sem tentar relacionar a noção de "fala poética" a elementos *extraverbais*, tais como, as propriedades particulares do pensamento, uma "orientação de espírito", particular etc. Não se pode dizer o mesmo de outros sistemas poéticos bem mais tardios, que sofrem da estreiteza de valorizar um só elemento (por exemplo, o "figurado"). Só nos resta lamentar profundamente que não nos tenham chegado outras obras de Aristóteles sobre esse tema, assim como o fato de possuírmos apenas uma versão reduzida da *Poética*, na forma de resenha.

§ 9.<sup>26</sup> Seria inútil buscar, na linguística científica da época dos neogramáticos, nem que fosse a utilização das delimitações humboldtianas anteriormente mencionadas. Para os neogramáticos, Humboldt

<sup>26</sup> O número 9 está ausente. Trata-se provavelmente de um erro de edição.

"não fez mais do que exercer uma influência sobretudo moral sobre os pesquisadores das épocas seguintes" (Tomson, *Obščee jazykovednie* [Linguística geral]: 32), ou sua contribuição se reduz a "passar definitivamente a análise das condições gerais da vida da linguagem para o terreno da psicologia" (Porzevinskij, *Vvedenie v jazykovednie* [Introdução à linguística], Moscou, 1913: 22).

A questão da diversidade funcional da fala, abordada por Humboldt, não foi objeto de discussões, porque não parecia apresentar importância no âmbito do estudo dialetológico<sup>27</sup> da língua (não se pode, evidentemente, estar de acordo com isso: o desenvolvimento da linguística funcional trata, sem nenhuma dúvida, numerosas correções às construções dos "dialetólogos"). Se fossemos confrontados com tais fenômenos pela simples observação dos fatos verbais, não faríamos mais do que tangenciá-los sem considerar tais fatos como objetos dignos de ser estudados. "Todas as línguas e todos os dialetos, mesmo dos povos mais selvagens e bárbaros, têm o mesmo valor para a ciência. De todo modo, esses últimos são mais interessantes para a análise científica do que as línguas literárias dos povos civilizados que, aos olhos do linguista, têm tanto valor quanto as plantas ou de estufa aos olhos do botânico"<sup>28</sup> (!). De fato, a "língua literária" é uma noção que enfatiza da forma mais nítida possível o quanto é necessária uma abordagem funcional da língua, o que explica por que ela provoca tantas confusões em linguística. Refiro-me a alguns fragmentos do já mencionado livro de Tomson<sup>29</sup>: o capítulo XI ("As línguas artificiais") define a "língua comum do povo", como

a língua da *literatura*, da escola, da administração, das relações comerciais e privadas etc., na sociedade culta de determinado povo... Mas essa língua comum do povo utilizada para a comunicação *oral* não deve ser inteiramente identificada com a *língua da literatura* ou com a *língua escrita* desse povo, pois na escrita, utilizam-se, em geral, palavras, expressões e construções que pareceriam artificiais ao oral (p. 36ss).

Quanta confusão nessa curta citação! O professor Tomson "elude" simplesmente à questão da "estufa", entrando em contradição consigo mesmo: a língua "comum do povo" que, no início, é declarada como a língua da literatura [*Jazyk literary*] é mais à frente separada ("não deve ser inteiramente (!) identificada...").

<sup>27</sup> N.L.J.: Utilizo esse termo no sentido indicado no § 5.

<sup>28</sup> N.L.J.: Tomson, *op. cit.*

<sup>29</sup> A. I. Tomson, *Obščee jazykovednie* [Linguística geral], Odessa, 1906. Trata-se do primeiro manual de linguística geral publicado na Rússia.

Como é característico esse "ou" entre a "língua da literatura" e a "língua da escrita em geral"! É evidente que a expressão "língua da literatura" não tem aqui *nenhum conteúdo determinado*. O termo "oral" [*ustnaja reč*] é utilizado no sentido de "língua falada" [*razgovornaja reč*], senão a menção ao termo "artificial" seria incompreensível. É realmente necessário lamentar que Humboldt tenha exercido uma influência meramente "moral" sobre esse pesquisador que é grande conhecedor em seu campo e que ral" sobre essas observações tão precisas. Efetivamente, em relação à diversidade formula observações tão precisas. Efetivamente, em relação à diversidade funcional da fala, a linguística acadêmica ainda se coaduna com a gramática escolar, à qual, por outro lado, ela se opõe vigorosamente em outros pontos: por exemplo, quando analisa a sintaxe da língua "russa", a gramática escolar apresenta exemplos retirados diferentemente da língua falada, da "prosa" ou da "poesia". Ora, a linguística acadêmica não fez muitos progressos em relação à gramática escolar, no estudar a sintaxe da "língua literária" a partir de exemplos retirados de Griboiedov ou de Gogol.

Aqui, sempre reina uma confusão total entre as noções.

Aqui, sempre se um exemplo clássico dessa confusão na contagem do léxico do "trabalhador inglês", das inscrições persas antigas, do "homem instruído que possui uma formação superior", do "pensador escrevendo", do Antigo Testamento dos Hebreus e de Shakespeare. Os dados estatísticos dessas "línguas" são comparados, depois considerados como significativos, quando, na realidade, trata-se de um exemplo evidente de comparação de dados incomparáveis: isso equivaleria a somar metros a quilos<sup>30</sup>.

§ 10. Não multiplicarei os exemplos para os quais a linguística não dispõe de recursos diante dos fatos, por causa de sua ignorância da diversidade funcional. É necessário registrar que a própria formulação da questão, desse ponto de vista, é *estranha* à linguística, pois os trabalhos de linguística geral *não abordam* essa questão. Conforme já assinalei, essa questão só se apresentou aos linguistas quando eles passaram a se interessar pela poesia, o que não ocorre com grande frequência. Na linguística russa, faz-se necessário mencionar especificamente Potebnja, que destacara a existência de elementos "poéticos" e "prosaicos" na língua, o que se tornou seu grande mérito, embora atualmente seu estudo dessas questões não nos satisfaça mais.

Acrescentarei ainda que os pesquisadores que trabalham com os *falares vivos*, embora não tenham recebido nenhuma formação linguística,

<sup>30</sup> Jakubinskij fala aqui das unidades de medida utilizadas na Rússia antes da Revolução: *funt*, medida de peso (409,5g), e *archine*, medida da altura (0,71m).



trazem algumas vezes materiais interessantes sobre essa questão. Citamos os numerosos casos de não-concordância entre o léxico da *linguagem cotidiana* [obixodnaja razgovornaja reč'] e o das *obras poéticas*. É verdade que esse fato não foi compreendido e que se recebeu explicações, elas não correspondem à sua natureza (traços "arcaicos" do vocabulário poético, influências literárias, caráter "migratório" das canções).

§ 11. O interesse e a atenção concedidos à multiplicidade das variantes da língua em função de seus propósitos ressurgiram recentemente na Rússia com as questões ligadas à poesia.

Esse tema foi discutido nas *Sborniki po teorii poetičeskogo jazyka koletâneas sobre a teoria da linguagem poética*, v. I (Petrogrado, 1916) e II (1917), reedição ampliada na coletânea *Poëtika*, Petrogrado, 1919.

Como a linguagem poética estava no centro da atenção das "Sborniki" [Coletâneas], duas variantes funcionais da língua foram evidenciadas desde o início: a *linguagem prática* e a *linguagem poética*. Por outro lado, essa orientação em direção a um propósito que serviu de ponto de partida para a classificação (*Poëtika*: 12; 37s.). Essa distinção era acompanhada de uma caracterização psicológica bastante superficial desses dois casos. Mais tarde, os participantes das "Sborniki" [Coletâneas] tiveram que declarar em seus trabalhos que a expressão "a linguagem prática" abrange fenômenos linguageiros muito variados e não pode ser indiscriminadamente utilizada. Eles mostraram que é necessário distinguir a *linguagem falada cotidiana* [obixodnyj razgovornyj jazyk] da *linguagem lógico-científica* etc. Parece-nos que o Círculo Linguístico de Moscou, e mais particularmente R. Jakobson, muito contribuiu para esse campo de reflexão. As distinções introduzidas pelo Círculo de Moscou podem ser analisadas graças ao livro de Jakobson, *Novešaja russkaja poezija* [A novíssima poesia russa] (1921) e ao trabalho de V. M. Žirmunskij, *Kompozicija liričeskix stixotvorenij* [A composição dos poemas líricos], (Petrogrado, 1921). Infelizmente, nessas duas obras, essas questões são abordadas apenas superficialmente e muitos dos elementos permanecem imprecisos.

É interessante notar que as distinções funcionais estabelecidas nos trabalhos supramencionados: linguagem falada, poética, lógico-científica, linguagem do orador já estão presentes em Humboldt.

§ 12. As páginas seguintes do meu artigo são consagradas à questão das formas do enunciado verbal. Ative-me a essa questão pelas seguintes razões: inicialmente, nota-se que no âmbito das discussões recentes sobre

as manifestações verbais multiformes, essa questão ficou na sombra, relegada a segundo plano pelo princípio do propósito [celevoij moment] (o que, na terminologia do Círculo Linguístico de Moscou, chama-se "a funcionalidade da fala"); em seguida, porque, do ponto de vista metodológico, a distinção baseada na diferenciação das formas do enunciado deve preceder as outras, particularmente, a do propósito. Ao fazer distinções conforme o "propósito", na realidade, não distinguimos os fenômenos verbais, mas seus fatores, nem podemos fazer uma projeção imediata, mesmo que aproximativa, dessas distinções acerca da fala em si mesma. Entretanto, no nosso caso, partindo da distinção das formas da fala, estabelecemos uma ponte entre os fatores extralinguísticos e os fenômenos verbais, e temos, assim, a possibilidade de falar, por exemplo, da distinção dos meios de informação nessa ou naquela variante, ou de opor diretamente monólogo e diálogo como fenômenos verbais.

## Capítulo II

### Sobre as formas do enunciado verbal

§ 13. À *forma não mediatizada das interações humanas* (no "face a face") correspondem as *formas não mediatizadas das interações verbais*, caracterizadas por uma percepção imediata, visual e auditiva, da pessoa que fala. No âmbito da linguagem, é a forma escrita do enunciado, por exemplo, que corresponde às interações mediatizadas.

Do mesmo modo, às *formas alternantes das interações*, as quais subentendem uma mudança rápida de ações e de reações entre os indivíduos, corresponde a *forma dialogal* da comunicação verbal. Quanto à forma longa de ação voltada para alguém<sup>1</sup>, no momento da comunicação<sup>2</sup>, é a *forma monologal* que lhe corresponde.

A forma dialogal é quase sempre não mediatizada. Algumas vezes, no entanto, não é o caso, ou isso só se realiza parcialmente, especialmente quando o processo de percepção [*vosprinimanie*]<sup>3</sup> não mediatizada

<sup>1</sup> *vozdejsstvie*, influência ativa exercida por um sujeito ou um objeto sobre um ou vários sujeitos ou objetos. Propomos traduzir aqui por "uma ação dirigida para alguém ou alguma coisa".

<sup>2</sup> A lógica das reflexões de Jakubinskij passa de um fenômeno extraverbal para um fenômeno linguageiro. Em outros termos, da forma das interações humanas em geral às formas das interações verbais. Ele toma como ponto de partida um fenômeno dito "social" para encontrar uma correspondência na atividade de fala.

<sup>3</sup> Para designar fenômenos gerais ou processos, Jakubinskij cria palavras utilizando os sufixos *-anie* ou *-ost*, que permitem formar termos abstratos a partir de verbos imperfectivos. A palavra *vosprinimanie*, criada por Jakubinskij, designa um processo geral de

encontra-se privado de percepções visuais, aqui essenciais, como veremos a seguir. É o que se passa quando acontece uma comunicação dialógica no escuro, ao telefone, através de uma porta fechada ou de uma parede. A comunicação dialógica por "bilhetinhos" (por exemplo, durante uma reunião) apresenta um caso particular: tem-se a conjunção rara de uma forma escrita, que diz, mediada com uma forma dialógica e não mediada, já que existe a percepção visual do interlocutor.

Quanto à forma escrita da comunicação, ela é essencialmente de forma monológica, à exceção dos casos que acabamos de mencionar ou de outros semelhantes, mas também raros (por exemplo, a possibilidade de um "diálogo" telegráfico). A interação não mediada pode se realizar, bem entendidos, tanto sob a forma dialógica quanto monológica, sendo exatamente isso que facilita sua comparação.

§ 14. No âmbito da comunicação verbal não mediada, existem, por um lado, casos indiscutíveis de fala monológica, tal como uma alocação [reč'] no momento de uma reunião ou no tribunal etc.; por outro lado, encontraremos um caso extremo de diálogo na conversa<sup>8</sup> rápida e desorganizada sobre a vida cotidiana ou o trabalho. Esse tipo de diálogo se caracteriza pelos seguintes traços: uma troca rápida de falas, na qual cada elemento que compõe a troca constitui uma réplica<sup>9</sup>, sendo cada réplica realmente condicionada pela outra; a troca se desenvolve sem qualquer realtamente prévia: os participantes não estabelecem previamente nenhum tipo de finalidade específica; não há uma sequência premeditada na construção das réplicas, que são extremamente curtas.

Por oposição, a partir da qual se estabelecem a coerência, o caráter

percepção, composto por percepções particulares, concretas (visuais, auditivas etc.), sendo elas próprias designadas por *vsprjatija*, formada a partir do verbo *preceptiro* correspondente. Nós as traduzimos por "fenômeno de percepção", ou "processo de percepção". Esse caso é típico das dificuldades de tradução da terminologia russa, na qual os substantivos derivados de verbos por um sufixo como *-enie* ou *-nie* podem indicar tanto um processo geral quanto uma ação particular. De acordo com as regras, os substantivos desse tipo são formados por verbos imperativos, como por exemplo: *govorit' "falar"* > *govorenje, vyskazyvat' "enunciar"* > *vyskazyvanie, vyražat' "expressar"* > *vyraženie*, etc. Para dar uma ideia da utilização desses termos por Jakubinskij, optamos pela transcrição do termo entre parênteses. Esperamos que essa apresentação seja útil para os pesquisadores que trabalharão com este texto.

<sup>8</sup> *reč'* significa aqui "discurso público", "alocação".

<sup>9</sup> *razgovor* e *beseda* apresentam nuances de sentido. *Razgovor* significa uma troca verbal de informação, uma discussão, uma conversa. *Beseda* significa uma conversação longa, seja familiar, seja de trabalho; é algo próximo à "entrevista" ou ao "bate-papo".

<sup>10</sup> *réplica* significa tanto a parte inicial de um diálogo, seu ponto de partida, quanto uma parte responsiva (a "réplica") e, no teatro, a "réplica" do ator (sem valor adversativo).

construído da sequência verbal [rečevoj rjad]; o caráter unilateral da enunciação, que não espera réplica imediata; a presença de uma finalidade e de uma reflexão prévia etc.

Entretanto, entre esses dois casos extremos, existem situações intermédias, especialmente em situações nas quais o diálogo se torna uma mediária, especialmente quando, por exemplo, há uma troca de saudações oficiais ou de breves "alocações" no âmbito de uma cerimônia; quando há uma alternância de relatos sobre impressões, emoções ou aventuras. Neste último caso, os fragmentos monológicos, no decorrer da interação verbal, são muitas vezes acompanhados de alguns tipos de réplicas. Esse é o caso de "diálogo monológico", utilizado na poesia, que produziu o que se chama de "falso diálogo".

Entre o "diálogo monológico" e a conversa [razgovor], encontra-se o que se poderia chamar de "bate-papo" [beseda], marcado por um ritmo de troca mais lento, por uma maior dimensão dos componentes e, por isso, trocamos mais organizado, mais pensado, da fala. O bate-papo se desenvolve habitualmente numa atmosfera de *lazer*; mas podem-se encontrar bate-papos no trabalho, onde se requer um *lapso de tempo* para que se realize<sup>10</sup>, embora nesse contexto não se permita falar de *lazer* no sentido próprio.

§ 15. Entre todas as combinações possíveis de uma forma dialógica monológica com formas não mediadas e mediadas, as mais importantes do ponto de vista social e as mais difundidas são as três seguintes: a forma dialógica com a forma não mediada, a forma monológica com a forma não mediada e a forma monológica com a forma mediada ou, mais precisamente, com a forma escrita (podem-se imaginar outros "mediadores" da fala além da escrita). No presente artigo, proponho-me a tratar da forma dialógica não mediada, recorrendo, se necessário, à comparação com outras formas. É evidente que não pretendo esgotar uma questão tão complexa, mesmo limitando-me à sua formulação geral<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> *postromost' e obdumyvaemost'*, criadas por Jakubinskij, significam o "fato de ser construído" e o "fato de ser previamente pensado" (cf. nota 3 deste capítulo).

<sup>11</sup> Jakubinskij utiliza uma palavra abstrata, *obnaruzenie*, "processo de realização" (cf. nota 3 do capítulo II).

<sup>12</sup> N.L.J.: Desconheço obras linguísticas consagradas ao estudo do diálogo; existe um estudo de Tardé, "A conversação", no seu livro *O indivíduo e a multidão*.

<sup>13</sup> Jakubinskij cita de memória o livro de Gabriel Tarde, cometendo um erro no título que é *A opinião e a multidão (L'opinion et la foule*. Paris: Alcan, 1901).

## Capítulo III

# Sobre a forma não mediatizada

§ 16. A percepção visual e auditiva do interlocutor<sup>1</sup>, ausente no momento da comunicação verbal mediatizada, e sempre presente nos diálogos habituais, é um fator determinante para a percepção da fala [reč'], e, conseqüentemente, para o próprio processo da fala [govorenje]<sup>2</sup>.

A percepção visual do interlocutor implica que se percebam suas expressões, seus gestos, todos os seus movimentos corporais. Estes últimos, por vezes, podem ser suficientes para garantir certa interação, certa intercompreensão. Numerosos fenômenos de "transmissão de pensamentos a distância" explicam-se precisamente pela percepção das mímicas e pantomimas que, como se sabe, são um tipo de "linguagem" [jazyk]. A pantomima teatral nada mais é do que o uso conciso e artístico de um fenômeno cotidiano. Em articulação com a troca verbal, esse papel da percepção visual, obviamente, se mantém e, algumas vezes, prevalece; e mesmo nesses casos, a conversa não é "apenas um complemento para a troca de olhares", conforme a expressão de Tarde<sup>3</sup>. Leva-se pouco em consideração esse papel

<sup>1</sup> *sobesednik*: participante do diálogo, interlocutor.

<sup>2</sup> *govorenje*: essa palavra pode significar tanto um ato concreto quanto um fenômeno geral. Assim, é necessário determinar em cada caso a que o termo remete. Para um ato concreto, traduzimos, em função do contexto, por "turno de fala" ou "proferição", e para o fenômeno geral, por "processo de fala". Note-se que *govorenje* será empregado por Vološinov para traduzir a noção saussuriana de *fala*, a partir da tradução do CLG por Aleksandr Romm.

<sup>3</sup> Jakubinskij faz aqui referência ao capítulo de Tarde mencionado mais acima (nota 10 do capítulo II).

das mímicas e dos gestos no momento da comunicação não mediatizada, e, sobretudo, dialogal, mas ele é muito importante. Vejam-se os exemplos extraídos de *Anna Karenina* de Tolstói para ilustrar esse fenômeno\*.

É o fim, disse o médico. E a expressão de seu rosto era tão séria ao dizer isso, que Levin entendeu 'É o fim' no sentido de morrer (II: 360). Anna ficou atônita pela percepção da expressão do rosto do médico. Quero dizer apenas... — começou a condessa e, ao ver seu rosto ao mesmo tempo sério e animado, Kitty compreendeu do que se tratava (I: 60). E como vocês se organizaram?... faltou perguntar sobre o nome que devia dar à filha, mas notando a expressão sombria de Anna, ela mudou o sentido de sua pergunta.

§ 17. Às vezes, mímicas e gestos desempenham um papel de réplica no diálogo, substituindo, assim, a expressão verbal. Frequentemente uma réplica por meio de mímicas dá a resposta antes mesmo da réplica verbal. Enquanto um interlocutor, querendo apenas retorquir, prepara-se para falar, o outro, levando em conta as mímicas e a tentativa de tomada de turno do primeiro, contenta-se com essa réplica por meio de mímica e pronuncia algo do tipo: "Não, espere, sei o que você quer dizer", e prossegue. Muito frequentemente, as réplicas por mímicas ou gestos não exigem "complemento" verbal.

Por outro lado, mímicas e gestos têm sentido próximo do da entonação: de certa forma, eles modificam o sentido das palavras. Do mesmo modo que uma frase pode ter um sentido diferente em função da entonação com a qual é pronunciada, um acompanhamento mímico (e gestual) pode dar à fala outra nuance, muitas vezes, contrária àquilo que habitualmente se espera. Pode-se, assim, falar de "entonação"<sup>5</sup> mímica, pantomímica e gestual.

As mímicas e os gestos, ao acompanharem constantemente as diferentes reações do homem, são um meio constante e forte de transmissão de informação. Durante a comunicação não mediatizada, uma manifestação verbal (*trečevno obraženie*) é sempre acompanhada de uma manifestação mímica e gestual.

\* NT: Como Ivanova e Sériot optaram por traduzir diretamente dos textos russos em vez de citar as traduções já publicadas em português que consultamos apresentamos diferenças consideráveis em relação aos exemplos traduzidos por Ivanova e Sériot.  
<sup>5</sup> *intonirovanie*: ver nota 30 § 9.

§ 18. Quando se olha a cena com binóculos, não apenas se vê melhor, como também se ouve e se compreende melhor, porque quando se vê melhor, se reconhece melhor do que se trata, acompanhando-se as mímicas e os gestos. O mesmo acontece quando se escuta um orador: os lugares específicos destinados aos oradores (cátedra, tribuna) condicionam não apenas o fato de ouvirmos melhor o orador, mas também de vê-lo melhor. Quando se olha um orador usando binóculos, ouve-se e entende-se melhor também.

Falamos instintivamente um olhando o outro. Com frequência, uma criança vira com suas mãos o rosto de sua mãe quando fala e espera sua resposta. É essa necessidade de ver o outro durante a troca conversacional e de assim utilizar todas as possibilidades da compreensão, a causa, em minha opinião, de se julgar "mal-educada" uma pessoa quando ela se senta virando as costas para seu interlocutor em um salão, local privilegiado da conversação.

As mímicas e os gestos não são estranhos, acessórios, ocasionais em uma conversa, mas, ao contrário, são, digamos assim, constitutivos. Mesmo durante um diálogo telefônico, fazemos frequentemente mímicas e gestos, na ausência de toda percepção visual do interlocutor.

§ 19. Durante o processo de fala, a percepção das mímicas de interesse ou de desinteresse, de atenção ou de desatenção, de entusiasmo ou de tédio desempenha um papel de primeira importância, pois isso determina o grau de intensidade da fala, facilita as associações, ajuda a encontrar as expressões necessárias e oportunas, em suma, a "eloquência" se amplifica (tanto no diálogo quanto no monólogo). Todos já observaram esse fenômeno em si mesmos: o tônus da fala, sua "temperatura" diferenciam-se em função do fato de o locutor estar "entusiasmado" ou "desanimado" pelas mímicas daquele que o escuta. Quando se é escutado e bem escutado, o processo da fala é facilitado.

§ 20. É inútil insistir na importância da percepção auditiva do interlocutor durante a comunicação não mediatizada. É bem conhecido o papel informativo de grande importância desempenhado pelas relações de intensidade, entonação e timbre durante a percepção da fala de outrem. É somente em um grau bem menor que eles podem ser levados em consideração na transmissão mediatizada pela escrita. Não se trata aqui de relações de intensidade, de entonação e de timbre inerentes ao fato de se falar determinada língua e que fazem parte do conjunto de estereótipos próprios a essa língua. (Relações desse tipo podem ser reproduzidas na

percepção do escrito em virtude das associações estabelecidas pelo hábito; algumas vezes eles são representados por signos, como, por exemplo, por um aumento de tom em certos casos "antes da vírgula", por uma entonação interrogativa etc.). Estamos falando aqui de casos de entonação em que diferentes nuances de sentido vêm sobrepor-se à fala, particularmente nuances afetivas. Aqui, as relações de que falamos adquirem um sentido informativo particular. Elas determinam a maneira pela qual a fala de outrem deve ser compreendida e permitem revelar um estado de espírito de forma mais completa do que as palavras em si mesmas com a significação que lhes é própria.

A seguir, um fragmento do *Diário de um escritor* de Dostoiévski, de 1873 (capítulo "Pequenos quadros"), que contém uma brilhante ilustração do dito fenômeno. Em suas reflexões sobre a linguagem dos bêbados, Dostoiévski escreve que essa linguagem consiste "simplesmente no uso de um único substantivo obscuro".

Um domingo, ao cair da noite, prossegue ele, tive a oportunidade de caminhar ao lado de um grupo de seis operários bêbados e de repente me dá conta de que é possível exprimir todos os pensamentos, todas as sensações e até mesmo raciocínios profundos pronunciando um único e mesmo substantivo, de uma só sílaba.<sup>6</sup> Eis que um dos caras pronuncia esse substantivo de maneira brusca e enérgica para exprimir alguma coisa de que haviam falado anteriormente, sua opinião contrária e desdenhosa. Outro lhe responde repetindo esse mesmo substantivo, mas com um tom e um sentido completamente diferentes, quer dizer, colocando totalmente em dúvida a opinião negativa do primeiro. O terceiro começou bruscamente a se indignar contra o primeiro, intervindo bruscamente e com paixão na conversa, lançando-lhe o mesmo substantivo, mas para insultá-lo e blasfemar contra ele. Nesse momento, o segundo interveio mais uma vez, indignado, contra o terceiro, aquele que ofendeu o primeiro, e ele o faz parar para lhe dizer substancialmente: "Não se intrometa, cara! A gente estava conversando tranquilamente e você, quem você pensa que é para dar uma bronca em Fil'ka! Mas tudo isso, ele exprime por meio da mesma palavra, do mesmo nome monossilábico, da mesma coisa, com a única diferença de que eleva o braço e segura o terceiro companheiro pelo ombro. Mas eis que de repen-

<sup>6</sup> Trata-se da palavra obscena, designando o sexo masculino. Na cultura russa, a força de evocação das palavras é tão grande que há *nenzurnnye slova*: "palavras que não possuem pela censura". Na Rússia, para muitas pessoas, como em numerosas correntes de filosofia (religiosa) da linguagem, a palavra é a coisa, a forma é o conteúdo. Toda essa passagem foi resomada, termo a termo, por Voloïnov (2010: 339-341).

te, o quarto cara, o mais novo do grupo, que tinha ficado até então em silêncio e, aparentemente, acabava de encontrar a solução para o problema que deu origem à disputa, grita, num tom de entusiasmo, levantando o braço... 'Eureka!' pensam vocês? 'Achei, achei!' Não, não é 'Eureka' e muito menos 'Achei'; ele apenas repete o mesmo substantivo excluindo do dicionário, uma só palavra, apenas uma, mas num tom de exclamação radiante, com um grito agudo de êxtase e, ao que parece, excessivamente alto, pois o sexto cara, o mais mal-humorado e o mais velho dos seis, não apreciou, acabando num instante com o entusiasmo do jovem inexperiente, reprimindo-o e repetindo em voz alta, grave, em tom rabugento o mesmo substantivo, proibido na presença das mulheres, que significa claramente: "Não vale a pena se esgoelar!" Foi assim que, sem pronunciar nenhuma outra palavra, eles repetiram seis vezes seguidas sua palavra preferida, um após o outro, e se compreenderam perfeitamente. É um fato, eu fui testemunha!

§ 21. Em relação ao que acaba de ser dito sobre o papel do tom e do timbre, farei a seguinte observação: o tom e o timbre do locutor, a partir do momento em que ele toma a palavra, obrigam-nos a ocupar uma posição, a ter uma atitude em relação ao locutor e seu enunciado. É em função dessa "atitude" que percebemos esse enunciado. Por vezes, o tom das primeiras palavras pronunciadas já nos obriga a nos pôr na defensiva, de forma hostil ou favorável, ou a mudar o estado de espírito; em outras palavras, o tom determina o tipo de percepção de nossa percepção, formando em nós o "ponto de vista" com o qual vamos analisar o que vem a seguir. Por vezes, o tom das primeiras palavras pronunciadas basta para suscitar nossa rejeição categórica ("não quero mais escutar"). Em outros casos, ao contrário, ele nos seduz. Acrescente-se que a percepção visual do interlocutor tem em parte a mesma importância.

A percepção não mediatizada do interlocutor (seu tom, suas mímicas) cria imediatamente em certos momentos um efeito de reconhecimento, o sentimento de que se conhece seu interlocutor, o que facilita imensamente a continuidade da percepção.

O papel das mímicas e pantomimas, assim como o do tom e do timbre, é ainda mais importante nas condições da comunicação direta porque são estreitamente ligados entre si, determinando-se mutuamente e tendo a mesma "fonte" na forma de determinado estado do corpo que corresponde a determinado estado intelectual e emocional.

Tudo isto é particularmente destacado e ilustrado por vários exemplos variados e concretos na obra de Ozarovskij, *Muzyka živogo slova* [A

música da palavra viva], p. 100 e seguintes. Ele indica que é precisamente nas mímicas que se formam o tom e o timbre; não há dúvida de que ele tem razão, e remeto a seu livro para mais detalhes.

§ 22. A questão que se coloca é saber em qual caso os fenômenos mencionados de mímicas e gestos, de timbre, de entonação e de intensidade desempenham o maior papel: no diálogo ou no monólogo? Parece-me sem nenhuma dúvida que é no caso do diálogo. Com efeito, no diálogo, pela natureza mesma dessa forma de comunicação, eles se encontram em um grau extremo de dependência mútua. Além disso, no diálogo, eles são infinitamente variados. Se o monólogo nunca pode ser um complemento das mensagens mímicas e gestuais, o diálogo o é realmente em muitos casos, sendo muito apropriada a observação de Tarde sobre esse assunto<sup>7</sup>.

§ 23. Traçamos em grandes linhas o papel que a percepção visual e auditiva do locutor desempenha na comunicação verbal não mediatizada. Esse papel consiste nisso: no momento da comunicação não mediatizada, a percepção visual atenua em certa medida a importância da estimulação verbal<sup>8</sup>, pois a percepção e a compreensão da fala se constituem sob a influência de estímulos tanto verbais quanto visuais. Uma consequência disso é que no decorrer do processo da fala, aquilo que é propriamente "verbal" não se torna objeto de uma atenção excepcional, porque, inconscientemente ou conscientemente, contamos com a eficácia das expressões e dos gestos.

Em função da percepção da entonação, do timbre etc., vai diminuir a importância das palavras enquanto tais, da fala enquanto tal, e mais ainda, dos aspectos da fala que não são abarcados por esses fenômenos. E isso se manifesta de modo semelhante no processo da enunciação, na mesma direção que nos casos das mímicas. Tudo o que foi dito sobre o fato de que o elemento aperceptivo da percepção e da compreensão seja determinado pelas condições da comunicação não mediatizada exerce o mesmo tipo de

<sup>7</sup> Jakubinskij remete ao capítulo de Tarde já mencionado, mas a ideia de que há de podermos completar uma troca de olhares vem de Franklin H. Giddings, *Princípios de sociologia* (Nova York, 1896), citado por Tarde (1989: 117).

<sup>8</sup> *rečevoe razdraženie*, "estimulação verbal". Jakubinskij toma de empréstimo esta expressão da *Psicologia objetiva* (*Ob'ektivnaja psichologija*) de V. Bekhterev (1907). Bekhterev, célebre neuropsiquiatra, introdutor da psicologia experimental na Rússia, explicava a fala como um reflexo simbólico de reflexos determinantes do comportamento e considerava a linguagem e a psicologia como por linguistas e literatos. Jakubinskij, que considerava a linguagem como uma atividade e seguia a abordagem psicológica de Baudouin de Courtenay, integra um bom conhecimento dos desenvolvimentos da psicologia científica de sua época.

influência, pois o reforço desse caráter aperceptivo da percepção, isto é, o aspecto não determinado pela presença da estimulação, restringe proporcionalmente a importância dessa estimulação.

Todas essas reflexões mostram que, em igualdade de condições, o ato de enunciação pode se desenrolar no decorrer da comunicação não mediatizada como um ato voluntário simples<sup>9</sup> e na maior parte dos casos fora do controle da consciência e da atenção, em uma dimensão maior do que na comunicação verbal mediatizada. Mas já que a percepção visual e auditiva do interlocutor desempenha um papel importante no diálogo, o que acaba de dizer deve ser especialmente destacado para a comunicação verbal dialógica não mediatizada.

<sup>9</sup> *prostoj volevoj akt*, "ato voluntário simples", é um empréstimo da psicologia de Wundt, que distingue entre ato voluntário simples e ato voluntário complexo. O primeiro é estimulado por um só motivo, enquanto o segundo supõe uma escolha entre vários motivos concorrentes. Os trabalhos de Wundt eram bem conhecidos na Rússia e os formalistas russos referiam-se a eles com frequência (Wundt, 1897, 1911, 1912).

## Sobre o caráter natural do diálogo e artificial do monólogo

§ 24. Os linguistas mais atentos, sobretudo aqueles que se ocupam dos dialetos vivos, tiveram muitas vezes consciência de que não se pode dispensar uma "teoria" do diálogo e do monólogo. Foi, sobretudo, o professor L.V. Ščerba que, em sua obra *O dialeto sorábio oriental*, destacou a importância de distinguir as formas dialógica e monológica na análise dos fenômenos linguageiros. Tomarei a liberdade de citar algumas de suas observações: "Recordando-me do tempo que passei junto a esses lavradores-operários, constato com surpresa que nunca ouvi *monólogos*, mas apenas diálogos *fragmentados*. Ocorria durante a minha estada que pessoas se dirigiam a Leipzig para participar de uma feira, ou às cidades vizinhas para fazer negócios, mas *ninguém* nunca relatava suas impressões: o relato se limitava a um diálogo mais ou menos animado. Isto não se devia à ausência de cultura, mas, ao contrário, a uma 'pretensão cultural' desmedida [*kulturnost*]<sup>1</sup>, à pesquisa permanente de impressões novas e superficiais, a uma certa precipitação, que distingue os operários dos verdadeiros lavradores" e, mais adiante: "Todas essas observações mostram mais uma vez como o monólogo é em grande medida uma for-

<sup>1</sup> A tese de doutorado de Lev Ščerba, *Um dialeto sorábio oriental* (Petrogrado, 1915), é um dos primeiros estudos linguísticos da fala na Rússia.

<sup>2</sup> Diferentemente de *kul'tura* "cultura", *kul'turnost'* designa pejorativamente a pretensão de ser culto entre as pessoas que, aqui, imitam aquelas da cidade.



ma verbal artificial, e que é apenas no diálogo que a língua manifesta seu ser autêntico<sup>2</sup>.

Nesta citação, o professor Ščerba se apresenta como um verdadeiro "dialogista", muito intrigante é a ligação que ele estabelece entre o caráter da vida cotidiana e o sistema econômico da sociedade, por um lado, e, por outro, a extensão da forma dialógica em detrimento da forma monológica. Contudo, o mais interessante é que Ščerba destaca a existência de um grupo linguístico que não conhece o monólogo e considera o diálogo como a forma natural da fala, em oposição à natureza artificial do monólogo.

Essa primeira observação mostra o quanto é necessário estudar a forma dialógica como universal: não existe interação verbal sem diálogo, mas há grupos em interação que conhecem apenas a forma dialógica, para os quais o monólogo é inexistente.

Gostaria de abordar a segunda observação de L. V. Ščerba de forma mais aprofundada, não somente porque a considero muito importante, mas também porque os termos "artificial" e "natural" são complexos e merecem explicações detalhadas. No entanto, L. V. Ščerba não o faz, contentando-se em mencionar o diálogo e o monólogo, de passagem, numa breve "observação".

§ 25. Essencialmente, toda interação entre os indivíduos é necessária entre uma interação. Em razão de sua natureza, ela busca evitar a unilateralidade, esforçando-se para ser bilateral, "dialógica" e foge do "monólogo".

Como toda ação unilateral orientada para alguém é do domínio da percepção humana, ela provoca reações de maior ou menor amplitude, que tendem a se manifestar exteriormente. O mesmo acontece com as ações verbais monológicas orientadas para um interlocutor. Ademais, nesse caso, as reações que aparecem durante a percepção (nossa opinião, nossa avaliação etc.) tendem a se manifestar, naturalmente, na fala. Três elementos vão desempenhar aqui um papel: em primeiro lugar, a propriedade geral de nosso organismo de reagir a cada ação orientada a um interlocutor; em segundo, uma forte ligação entre nossas representações, nossos juízos, nossas emoções etc. (particularmente em reação a algo) e suas manifestações na fala; e, sobretudo, em terceiro lugar, o poder que uma ação verbal tem de provocar uma reação verbal que, além disso, tem, com frequência, quase um caráter de reflexo<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> N.L.J.: L.V. Ščerba, *Vostočno-lužickoe narečie. Um dialeto sorábio oriental*, v. I, Petrogrado, 1915, p. 3 e 4 do anexo, sublinhado inteiramente por mim.

<sup>2</sup> O poder que possui a ação verbal de provocar uma reação da mesma ordem, explicado por seu caráter de reflexo, remete à reflexologia (cf. nota 8 do capítulo III).

Do mesmo modo que uma pergunta suscita uma resposta de forma quase involuntária, "natural", em virtude de uma associação constante entre os pensamentos e sua proferição (*vygovarivanie*), cada estimulação verbal, qualquer que seja sua duração ininterrupta, também suscita uma reação de pensamentos e emoções e provoca inevitavelmente no organismo uma reação verbal (assim, não é necessário perguntar ou se dirigir às pessoas que têm a boca cheia: responder a uma pergunta ou replicar a frase de seu interlocutor é uma reação natural; em função dessa reação, eles vão inevitavelmente começar a responder antes de ter engolido o alimento, ingerir de forma imprópria ou se engasgar).

Falo não de uma invenção, mas de um fato comprovado, atestado por observações. Pude me convencer recentemente do bem-fundado dessa tese ao participar de encontros informais (em companhia de quatro pessoas de meu conhecimento), que se reuniam regularmente para discussões [*biseda*] sobre assuntos científicos, e para ouvir breves apresentações. Essas pessoas, "cultas", se reuniam com o objetivo explícito de escutar as apresentações. Entretanto, esse "processo de escuta" [*zaslušivanie*], sobretudo quando era particularmente atento, transformava-se constantemente numa série de interrupções do orador. Seu "monólogo" era constantemente cortado por réplicas, que se transformavam em uma conversação generalizada, sobretudo, se o interveniente não protestasse. Após a exposição, os "debates" se transformavam em uma sequência de interrupções recíprocas. Embora os intervenientes tentassem falar um de cada vez, essa "fila de espera" mais ou menos "artificial" não poderia ir contra a aspiração natural ao diálogo<sup>4</sup>. Mesmo que alguém ficasse em silêncio, o desejo de exprimir-se podia ser percebido em seu rosto. Por vezes, ele iniciava uma intervenção, seus lábios começavam a se mexer, mas ele reprimia com esforço sua aspiração natural e caía novamente no mutismo. Às vezes, os silenciosos trocavam olhares e esboçavam uma mímica ao escutar um debatedor. Por vezes, eles "murmuravam" alguma coisa: vê-se até que ponto o som "tenta escapar da boca".

§ 26. Diz-se, não sem razão, que é necessário *saber* escutar os outros, que é preciso *aprender* a escutar. Não se tem a necessidade de *saber* interromper alguém que fala, porque isso é muito natural. Por outro lado,

<sup>3</sup> Jakubinskij utiliza aqui um substantivo abstrato formado a partir do verbo imperfeito *zaslušivati* "escutar um relato, uma apresentação", comumente empregado num registro burocrático. O importante é a noção de processo, de desenrolar de uma ação.

<sup>4</sup> Utilizando o termo, "fila de espera", Jakubinskij faz alusão à regra segundo a qual cada pessoa que deseja tomar a palavra deve se inscrever previamente junto ao presidente da sessão.

é indelicado. Em outras palavras, aqui, como em outros casos, as formas sociais que são necessárias, mas não encontram suporte nas disposições naturais do organismo humano, são motivadas e apoiadas pelas categorias como "conveniente" e "inconveniente", "cortês" e "descortês".

Para que as pessoas escutem um monólogo, é preciso reunir comumente condições particulares, por exemplo, uma *assembleia* que estipule uma ordem dos turnos de fala, sob a responsabilidade de um dirigente da sessão. Entretanto, mesmo nessas condições, há sempre "vozes na sala" [*golos na mesta*].

Se analisarmos a forma pela qual a interpretação verbal se realiza durante uma "reunião", também é fácil notar uma tendência a dialogar, a interferir por meio de réplicas. Esse fenômeno de réplicas<sup>7</sup> exprime-se na fala interior que acompanha a escuta de uma "apresentação". Ele se materializa várias vezes na forma de notas traçadas num papel, e os "debates" que se seguem são apenas uma realização sistemática, ou, às vezes, fragmentária, do fenômeno das réplicas interiores acompanhando a recepção de um monólogo. Ele opera um tipo de *deslocamento* das condições habituais do diálogo, provocado por condições particulares e artificiais (em particular, o número de pessoas que participam de uma interação). Frequentemente, no momento de uma "reunião", paralelamente a uma apresentação monológica do interveniente, desenrola-se um diálogo animado entre os ouvintes, que cochicham ou trocam "bilhetinhos" (não me refiro às conversas "fora do tema ou que ultrapassam o quadro da apresentação"). Nesse caso, um chamado à ordem pelo dirigente, por meio do toque dum campainha, é o sinal do caráter artificial do monólogo.

Com frequência, a escuta do monólogo é regrada (com exceção dos casos de organização de reunião já indicados) pelo número de participantes, que se for muito alto, leva ao "tumulto" por causa da tendência natural de cada participante a interromper. Se não houver uma organização, esse tumulto vai paralisar, também de forma "natural", ora as próprias interrupções, ora a reunião. Conhecem-se muito bem, por exemplo, os encontros de jovens que inevitavelmente terminam em tumulto e provocam o pedido de "eleger um presidente" e "organizar a reunião".

<sup>7</sup> Ao utilizar a expressão burocrática *golos na mesta* (literalmente "voz na sala", isto é, "exclamações diversas"), Jakubinskij evoca as pessoas que intervêm sem pedir a fala ao presidente da sessão.

<sup>8</sup> *Aplicativo*: Jakubinskij cria esse termo (cf. nota 3 do capítulo II) sem dar uma definição. Parece que ele o utiliza para designar a tendência interna, espontânea, para responder ao que se ouve falar.

§ 27. Os casos de "discussão-reunião" são próprios de uma sociedade de certo nível cultural. Em uma situação diferente, a escuta do monólogo é determinada por outras condições que, por outro lado, demonstram a importância em relação ao nível cultural: o hábito, a cerimônia, o ritual. Escuta-se aquele que tem o poder ou goza de uma autoridade particular, digamos assim, em toda situação de ação sugestiva orientada aos ouvintes [*vnuskažučee vozejstvije*], que supõe certa passividade na recepção ou uma reação de adesão, quando suas réplicas "em coro" que se desencadeiam. É necessário destacar particularmente a ligação entre a proferição de um monólogo [*monologizirovanie*] e a *autoridade*, o *ritual*, a *cerimônia* etc., porque é aqui, no quadro geral da ação *sugestiva* orientada, que a fala oral monológica adquire a possibilidade de exercer uma *influência* sobre a fala em geral, e em particular, sobre as manifestações verbais dialógicas. Isso tem importância para o estudo genético da língua (é evidente que a ação sugestiva orientada pode ser exercida no âmbito do diálogo). Por vezes, um conteúdo apaixonante pode fazer com que a proferição de um monólogo se beneficie de um interesse particular e provoque uma reação de satisfação por parte dos ouvintes que, acomodados em um silêncio religioso, escutam o orador de "boca aberta".

Deve-se notar que, mesmo a recepção de um monólogo escrito (em um livro, um artigo) provoca interrupções e réplicas, em certos casos no pensamento; em outros casos, em voz alta, ou ainda por escrito, sob a forma de sublinhamentos, anotações nas margens, folhas inseridas etc.

§ 28. A questão do caráter natural do diálogo e artificial do monólogo, da interrupção do monólogo e de seu condicionamento por diferentes fatores externos é, ao mesmo tempo, muito complexa e de primeira importância. Ela necessita, é evidente, de um esclarecimento mais detalhado do que aquele dado até o momento, apoiando-se nas citações de L. V. Ščerba. De qualquer forma, para mim, não há dúvida de que o uso dos termos "natural" e "artificial" em relação ao monólogo e ao diálogo tem um caráter convencional. Ao final das contas, o monólogo e o diálogo são manifestações naturais desse ou daquele sistema social, assim como são naturais as próprias causas do monólogo e os fatores externos que determinam suas condições de realização. Pode-se afirmar que o diálogo tem um caráter natural, essencialmente no sentido de que ele corresponde, enquanto alternância de ações e de reações, aos fatos sociais de interação nos quais o social se aproxima o mais perto possível do biológico (psicofisiológico). Se o diálogo é um fenômeno da "cultura", ele é tanto quanto, senão mais do que o monólogo, um fenômeno da "natureza".

## Observações sobre o diálogo em comparação com o monólogo oral e escrito

§ 29. O diálogo tem como principal característica o fenômeno das *réplicas*: a tomada de turno [govorenie] de um interlocutor alterna com a de um ou vários outros interlocutores. Essa alternância toma a forma seja de uma *sucessão* (um "começa" depois que o outro "termina"), seja de uma *interrupção*, o que acontece frequentemente, sobretudo quando se trata de um diálogo emocional. Entretanto, pode-se dizer, de certa forma, que é justamente a interrupção recíproca que caracteriza o diálogo globalmente tomado.

Inicialmente, pode-se fazer essa afirmação no sentido de que a interrupção está sempre *potencialmente* presente no diálogo. Como *possibilidade*, mas uma possibilidade *real*, conhecida devido à experiência, ela determina no mais alto grau todo o processo de fala. A expectativa dessa "interrupção", o ato de enunciação que leva em conta a presença do interlocutor preparando-se para replicar e a apreensão de não poder dizer tudo o que se deseja dizer, todos esses elementos determinam nosso processo de fala no diálogo. É por isso que, em estabilidade de condições, o ritmo da fala no diálogo é mais rápido do que no monólogo.

Além disso, dizer que o diálogo se caracteriza pela possibilidade de interrupção significa que, do ponto de vista do locutor, toda atividade de fala é *inacabada*: ela supõe uma *seqüência* após a contrarréplica. Assim, cada encadeamento de *minha* réplica naquela do meu interlocutor representa

uma pausa até a minha próxima intervenção no diálogo. Ademais, ainda que cada réplica seja algo de original, determinado pela réplica de meu parceiro, ela é, ao mesmo tempo, nas circunstâncias particulares desse diálogo particular, um elemento de minha enunciação global, elemento que qual corresponde certa orientação geral de pensamentos e de emoções que enuncio<sup>1</sup>. Nesse sentido, uma alternância de réplicas é também uma pausa. De fato, no diálogo, a alternância de réplicas acontece de tal forma que, interlocutor não "terminou ainda" quando o outro "continua" a falar.

O que acabamos de discutir também condiciona o desenvolvimento da fala rápida da fala. No entanto, ele não favorece o desenvolvimento da atividade lingüística como ação voluntária complexa<sup>2</sup>, ou seja, reflexões, uma luta entre temas contraditórios, uma escolha etc.; ao contrário, o ritmo rápido da fala supõe que ela se realiza como uma ação voluntária simples e, além disso, com elementos corriqueiros. No que diz respeito ao diálogo, isso pode ser constatado por uma observação simples; com efeito, contrariamente ao monólogo (e mais particularmente ao monólogo escrito), a troca dialógica implica uma expressão "imediate" e mesmo "na condição de...", "de forma espontânea"; é apenas em certos casos particulares, que percebemos como particulares, que constatamos no diálogo uma reflexão, uma escolha etc.

Um ritmo lento de fala do interlocutor durante a conversação, quer em função de suas particularidades pessoais, quer dos seus próprios objetivos, provoca geralmente aborrecimento, sendo percebido como algo embaraçoso, até mesmo inadmissível; embora ínfima, é provável que essa lentidão seja interpretada de forma exagerada exatamente porque se trata de uma troca de réplicas.

§ 30. Habitualmente, no diálogo, as réplicas se sucedem como já foi indicado, não somente em alternância, mas também por interrupções. De todo modo, qualquer que seja a forma a partir da qual alguém se prepara para enunciar, isso se faz comumente ao mesmo tempo em que se percebe a fala de outrem. Devo utilizar o intervalo entre minhas duas réplicas

<sup>1</sup> Jakubinski põe aqui em destaque um fenômeno importante: cada réplica é determinada, ao mesmo tempo, por um pensamento global, uma estratégia geral do interlocutor e pelo conteúdo da réplica precedente. Em outras palavras, há no diálogo visíveis entre o global e o local. Esse fenômeno foi descrito inicialmente por W. James (1911). Ele será retomado por Volosinov e por Bakhtin. Ele foi constatado nos anos 1960 por Harvey Sacks, um dos fundadores da análise conversacional (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1964; Sacks, 1992).

<sup>2</sup> *doznoe voloevo dejství*: essa noção é tomada de empréstimo a Wundt, que fala de processos voluntários simples ou complexos (cf. nota 9 § 23).

sucessivas para, ao mesmo tempo, perceber e compreender a fala de meu interlocutor, e para preparar (temática e verbalmente) minha resposta. Não há coincidência entre esses dois momentos quando a fala se realiza num monólogo. Isso é essencial, porque, levando-se em conta a estreiteza de nossa consciência, a dupla "tarefa" que se esboça diante de nós no intervalo entre duas réplicas leva a enfraquecer nossa atenção em torno de cada um desses dois elementos (a percepção-compreensão da fala de outrem e a preparação de minha resposta). No entanto, como, por um lado, a percepção da fala do interlocutor deve de fato preceder a preparação de nossa resposta, por outro, nossa atenção se concentra naturalmente mais sobre o "conteúdo" e a tematização da resposta do que sobre sua "forma" verbal, então geralmente não resta tempo para a preparação da própria enunciação, para a escolha dos fatos verbais, para sua análise; a enunciação verbal se desenrola como uma ação voluntária simples ou como uma ação ideomotora; chegamos assim à mesma conclusão do parágrafo precedente.

§ 31. Há um fenômeno que vem fundamentar a tendência da fala dialógica a se desenvolver como uma ação voluntária simples e que é própria da natureza mesmo do diálogo. Trata-se da quantidade de palavras utilizadas, quer dizer, de uma complexidade objetiva maior ou menor da fala. Sabe-se bem que a resposta a uma pergunta exige menos palavras do que as que seriam necessárias para exprimir uma totalidade de pensamento: "Você vai passar?" — "Sim, (eu vou passar)", "Talvez [(eu vá (passar))]" etc. De fato, o diálogo não é uma troca de perguntas e respostas, mas em cada diálogo existe, em certa medida, a possibilidade de não dizer tudo<sup>3</sup>, de produzir enunciados incompletos, não sendo necessário mobilizar todas as palavras que seriam indispensáveis para transmitir a mesma complexidade de pensamento, tanto na fala monológica quanto na parte inicial de um diálogo.

§ 32. Contrariamente à simplicidade da composição do diálogo, o monólogo apresenta certa complexidade de composição. O fato de o material

<sup>3</sup> *myslimoe celo*: um "todo de pensamento", um pensamento (uma ideia) em sua totalidade. Reconhece-se a abordagem psicológica da linguagem de Wundt e Saxmatov, segundo a qual se distingue um pensamento enquanto totalidade que pode receber diferentes formulações, palavra ou combinação de palavras.

<sup>4</sup> Essa ideia foi retomada por Volosinov como *entimema*, transpondo-a do diálogo para a própria situação de comunicação: "O enunciado da vida cotidiana, enquanto totalidade de um sentido, compõe-se de duas partes: (1) uma parte verbal atualizada e (2) uma parte subentendida. Por essa razão, pode-se comparar o enunciado da vida cotidiana a um entimema" (Volosinov, 1926: 251).

verbal ser disposto de forma complexa desempenha um papel de grande importância e introduz os fatos verbais no campo claro da consciência<sup>5</sup>, de modo que a atenção se concentra mais facilmente neles. O monólogo não supõe apenas a adequação dos meios de expressão para determinado estado do psíquico, mas põe também em evidência, enquanto fato independente, justamente a disposição, a organização<sup>6</sup> das unidades verbais. É possível avaliar as relações puramente verbais: "coerente", "bem estruturada", "incoerente", "a mesma palavra que se repete em um pequeno intervalo", "há muitos pronomes relativos que", "a ordenação das palavras não está boa" etc. Aqui, as relações verbais são a fonte de emoções que aparecem na consciência acerca delas, determinando-as. A noção um pouco nebulosa, mas muito expressiva, de "frase redonda"<sup>7</sup>, independentemente do sentido, influencia o uso das palavras e força, por exemplo, a acrescentar palavras onde talvez não fosse necessário. Todos os tipos de fenômenos de paralelismo e de simetria sintática aparecem nesse campo, pois a complexidade gera naturalmente certa organização, uma construção.

§ 33. A fala monologal escrita deve ser ainda mais radicalmente oposta à fala dialogal. Aqui desaparecem as mímicas, os gestos, a entonação, a percepção direta do interlocutor e as especificidades de compreensão a ela relacionadas e que caracterizam a fala dialogal e, em certa medida, a fala monologal oral. É o fato de se considerar as palavras e suas combinações que torna possível a compreensão. Se o diálogo, como foi dito antes, não ajuda, por sua própria natureza, o encadeamento do processo de fala enquanto atividade complexa, a forma escrita monologal, ao contrário, em estabilidade de condições, favorece particularmente essa complexidade. E isso, não apenas pelas razões próprias dessa forma monologal, mas precisamente em relação com o "escrito", isto é, com a comunicação mediatizada<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> svetloe pole soznanija: o "campo claro da consciência", expressão tomada de empréstimo da psicologia alemã. A noção de "clareza de consciência" está ligada a certa intensidade; ela significa a capacidade de representar objetos da experiência em diferentes graus de distinção. As representações que perdem sua intensidade se obscurecem e passam para baixo do limiar da consciência. É difícil saber de onde Jakubinskij retirou essa noção; ela se encontra tanto em J. F. Herbart (1776-1841) quanto em W. Wundt (1832-1920) (cf. Romand & Tchougounnikov, 2008).

<sup>6</sup> komponirovanie: outro termo abstrato formado por Jakubinskij a partir de um verbo imperfeito, designando não a composição como resultado final, mas o processo de composição enquanto tal.

<sup>7</sup> ziskręennost' frazy: "frase redonda". Trata-se de frases que dão uma impressão de equilíbrio na sua organização e no seu ritmo. Não é um termo de linguística nem mesmo de estilística, mas uma expressão corrente em russo.

<sup>8</sup> posredstvennoe obščenie, ver nota 9 do capítulo I.

A fala escrita é uma fala fixada durante sua realização; o resultado é, portanto, algo que permanece, uma obra. Do ponto de vista de sua adequação aos nossos estados psíquicos, a fixação da fala escrita tem como efeito uma atitude mais atenta em relação aos fatos verbais: a máxima "as palavras voam, os escritos permanecem"<sup>9</sup> possui um sólido fundamento psicológico e tem consequências diretas sobre o modo como se usam os fatos verbais na fala escrita. Se levarmos em conta a ausência de percepção do interlocutor e o caráter fixado da palavra escrita, essa última não implica, de modo algum, um apequ岸amento do papel dos fatos propriamente verbais. Ao contrário, determinada seleção dos meios expressivos, uma certa discussão está sempre presente, e a atividade verbal pode ser definida como complexa.

A tendência natural de examinar o que escrevemos e de fazermos correções a ela ocorre mesmo nos casos simples como o de um folheto ou de uma resposta a um requerimento; é o que explica também o uso do rascunho. A passagem do "rascunho" ao texto "limpo" é a via de uma atividade complexa; porém, mesmo na ausência de um rascunho real, a reflexão sempre está fortemente presente na fala escrita. Com frequência, enuncia-se primeiramente "na cabeça" e em seguida se escreve: nesse caso, estamos diante de um "rascunho mental".

<sup>9</sup> Literalmente: "Aquilo que é escrito com a pena, um machado não pode destruir".

## A apercepção<sup>1</sup> na percepção da fala

§ 34. É conhecida a expressão francesa "ter uma mente suja". Ela se aplica a qualquer um que compreenda tudo o que escuta com um sentido deturpado, "indecente". Em geral, compreendemos ou não compreendemos o que nos é dito, e se o compreendemos, é apenas em um sentido bem preciso, conforme a "inclinação" de nosso espírito para uma ou outra direção. Se transpusermos essa observação para uma linguagem científica, podemos dizer que nossa percepção e nossa compreensão da fala de outrem (como toda percepção) são *aperceptivas*: se elas são bem determinadas por uma estimulação verbal externa, elas o são mais ainda por nossa

<sup>1</sup> *Apercepção*: o termo *apperception*, cunhado por Leibniz em 1714 em sua *Monadologia*, designa, segundo ele, uma clara tomada de consciência do objeto de conhecimento, em oposição à percepção não consciente. Para Kant, a apercepção designa a unidade da consciência que precede o conteúdo de nossas intuições sensíveis, sem a qual a representação dos objetos seria impossível. Aproximamo-nos, assim, da ideia de uma preconstituição das percepções que encontraremos desenvolvida na psicologia pragmática de William James (1842-1910) e que designa sobretudo uma experiência vivida, um acervo de saberes adquiridos, um conteúdo do psiquismo, que condiciona e torna possível a forma pela qual se compreende e se interpreta um acontecimento, uma ação, um enunciado. Os trabalhos desse psicólogo americano eram bem conhecidos na Rússia. Seu compêndio *Psychology. Briefer Course* (1892) foi traduzido e reeditado seis vezes na Rússia entre 1900 e 1911. É nesse sentido que Jakubinskij emprega esse termo, referindo-se à edição de 1911. Segundo James, a percepção não é neutra nem objetiva, mas *previamente* determinada pela experiência passada: reconhece-se qualquer coisa em função do que já se conhece. Salientamos que A. Potebnja utilizava-o de maneira diferente. Segundo ele, as relações de apercepção são estabelecidas entre um sujeito e um predicado. Em outros termos, as relações predicativas são relações aperceptivas.

experiência passada, interna e externa, e, no fim das contas, pelo conteúdo do psiquismo daquele que percebe no momento da própria percepção. Esse conteúdo do psiquismo constitui a "massa perceptiva"<sup>2</sup> de determinado indivíduo, por intermédio da qual ele assimila uma estimulação externa.

§ 35. A massa perceptiva que determina nossa percepção inclui elementos constantes e estáveis, formados em nós pelas influências constantes e repetitivas de nosso próprio meio circundante (ou de nossos meios), e de elementos transitórios, que aparecem cada vez de forma diferente, conforme as condições de um momento dado. Obviamente, são esses primeiros que são fundamentais, os segundos aparecem contra o pano de fundo dos primeiros, modificando-os e complexificando-os. A parte constitutiva desses elementos primeiros é formada, antes de tudo, o que é óbvio, por elementos verbais, ou seja, simplesmente pelo conhecimento de uma língua [язык] dada e pelo domínio de seus diversos estereótipos [šablony].<sup>3</sup>

Apresento mais adiante algumas reflexões sobre a significação dos elementos extraverbais da massa perceptiva no momento da percepção da fala.

§ 36. Todo mundo conhece o jogo que consiste em escrever palavras de forma incompleta, indicando certas letras por meio de traços, que devem substituir em seguida pelas letras que faltam para reconstituir a palavra inteira. Frequentemente é possível escolher diferentes letras para um mesmo local, mas o jogador não põe suas letras ao acaso, pois, obviamente, ele joga revelando o conteúdo de sua massa perceptiva. Na palavra "du-a", pode-se colocar "u", "g", "m", "g", "m", e a cada vez, qualquer substituição será determinada pelo elemento perceptivo, quer ele seja constante ou transitório. Com frequência, "observamos", o que é fundamentalmente justo, que a palavra *pod-o-nyj* será interpretada por um marinheiro como *podvodnyj* ["submarino"], por um médico como *podkožnyj* ["subcutâneo"], e por pessoas de outras profissões como *podzornyj* ["de longo alcance"], *podrobnyj* ["detalhado"], *podonnyj* ["com fundo duplo"], *podložnyj* ["falso"] etc.

As diferentes abreviações são também uma boa ilustração do fenômeno da percepção na percepção da fala. Decifram-se as iniciais de um

<sup>2</sup> *Massa perceptiva*: Jakubinskij utiliza essa expressão conforme W. James, no sentido de conjunto das experiências e saberes anteriores necessários à compreensão e à interpretação de uma ação ou de um enunciado.

<sup>3</sup> *Šablony*: termo amplamente empregado por V. Bekhterev em sua psicologia social, por ele chamada de "psicologia da sociedade" ou "reflexologia coletiva". Ele utiliza *šablony* para os hábitos e de comportamento do indivíduo, estabelecidos na e pela sociedade.

<sup>4</sup> Trata-se de *duz* "boba"; *duša*, "alma"; *duma*, "pensamento"; *duga*, "arco".

nome e de um sobrenome (A. M. Ivanov) e se lê "Anatolij Matvevič" ou "Alexandre Mixailovič" em função do conteúdo de nossa massa perceptiva. Essa possibilidade de decifrar as abreviações de formas diferentes tem sido amplamente utilizada com objetivos cômicos, tanto nos nossos dias como antigamente. Em uma comédia de Labiche, um casal parte para sua casa de campo nas imediações de "Chevreuse" e faz suas visitas de despedida; a mulher escreve nos cartões de visita "P.P.C." ("pour prendre congé"). Entretanto, seu marido, pouco atento às sutilezas dos usos mundanos, interpreta "P.P.C." como "partindo para Chevreuse" e sustenta sua interpretação até o momento em que sua mulher acaba por convencê-lo de que, se eles tivessem partido para Versailles, teria sido necessário escrever "P.P.V.". O marido só acaba se convencendo quando lhe mostram que no último caso, podia-se interpretar V não apenas como "Versailles", mas também como "Ville-d'Avray" ou mesmo "Venezia". Esse tipo de decodificação de abreviações pode ser encontrado no "jogo do secretário", no qual se trocam textos constituídos apenas de iniciais. Se conseguimos completar o que falta, isso se deve a certa semelhança entre as massas perceptivas dos dois correspondentes, ou à estereotipia do tema do enunciado. É esse fenômeno que se baseiam as abreviações dos anúncios nos jornais: a estereotipia do tema do enunciado é um exemplo de manifestação da influência da massa perceptiva.

Esses casos de abreviações e de omissões de letras não são simples curiosidades. Com efeito, na percepção normal das palavras da fala, também não percebemos todos os elementos da palavra, mas apenas alguns dentre eles, completando o que resta por uma "conjetura" baseada na assimilação da massa perceptiva, determinada diretamente pela sequência verbal que precede a percepção de dada palavra.

§ 37. Vejamos agora vários exemplos que ilustram a tese segundo a qual constantemente percebemos e compreendemos a fala de outrem de forma incorreta em função das ideias, emoções e desejos que, por diferentes razões, predominam no nosso psiquismo em dado momento (de maneira expressa ou dissimulada pela consciência).

Exemplo 1. Eu trabalhava em Petrogrado; certa vez adoei e fiquei na casa de meus parentes em Peterhof, onde recebia regularmente "rações" pre-

<sup>5</sup> A expressão ("para se despedir") era usada na forma abreviada nos cartões de visitas detalhados pessoalmente ou entregues aos amigos por domésticos antes de uma viagem, de uma mudança de endereço etc. [n. da trad.].

paradas no meu local de trabalho". Certa vez, entre as provisões, vi um pequeno pacote maleável ao toque. Pensei imediatamente que fosse manteiga, que não me enviavam há muito tempo, e perguntei o que era à pesonalidade que trouxera. Ela me respondeu "foršmak", mas eu não compreendi literalmente essa resposta, e só depois, ao abrir o pacote e ver que se tratava de "foršmak", é que me voltou à memória que haviam me respondido assim.

A ideia da manteiga, brotada espontaneamente, tinha determinado minha não recepção ou mais ainda, minha falta de consciência quanto a essa estimulação verbal.

**Exemplo 2.** Meu colega de apartamento chega do trabalho esfofado. Ele cozinha batatas e as leva para seu quarto. Eu lhe pergunto se ainda posso cozinhar batatas (quer dizer se a panela ainda estava quente), mas ele responde: "Não", interpretando por antecipação, a partir do início da frase, "Será que eu posso", que estou lhe pedindo batatas. Ora a panela ainda estava aquecida. Nesse caso, a fome foi o fator decisivo que motivou o erro de percepção.

**Exemplo 3.** Na Praça Santo Isaac<sup>6</sup> passa um destacamento militar. Escutamos a ordem "na mestel!" [sentido]. Um dos adolescentes que estava na calçada pergunta a outro com espanto: "Maestro?"

Essa percepção errônea se explica, por um lado, pelo fato de o jovem rapaz conhecer mal essa ordem militar "na mestel!" e, por outro, pelo uso generalizado da palavra *maestro*, que esse adolescente provavelmente aprendeu no cinema, onde essa palavra é utilizada pelos compositores satíricos quando se dirigem ao "maestro" ou à "acompanhante" ao piano, no momento em que eles passam da parte falada de seu número à parte cantada.

**Exemplo 4.** Percorro as livrarias em busca de um livro sobre a história da Sérvia. Finalmente, sobre um balcão, encontro um livro em cuja capa li "História da Sérvia". Pego o livro e dirijo-me ao vendedor, mas no caminho, percebo que se trata na verdade de uma "História da Sibéria".

**Exemplo 5.** Nesses últimos tempos, precisei estudar o mapa da península balcânica para pesquisar indícios da população albanesa em locais onde atualmente não há mais albaneses. Em todo esse tempo, eu me lembrava de um grupo de palavras albanesas que encontramos frequentemente nos topônimos da Albânia. Com o espírito orientado para esses nomes, incorria

constantemente em inexactidões em minha leitura; por exemplo, no lugar de "Bodrovo", eu lia "Kodrovo" (da palavra albanesa *kadre*, "colina") etc.

**Exemplo 6.** "Seu ciúme (trata-se de Levin) [...] estava indo longe demais. Agora, ao escutar suas palavras, ele as compreendia a sua maneira [...]. O sentido das palavras de Kitty, agora, era interpretado por Levin como [...] (Anna Karenina, II, p. 180)"<sup>10</sup>.

**Exemplo 7.** "É o fim, diz médico. E o rosto do médico estava tão sério ao dizer isso, que Levin compreendeu "É o fim" no sentido de "morrer" (Anna Karenina, II, p. 360). Nesse caso, a interpretação de "É o fim" é condicionada não apenas pela expressão facial do médico<sup>11</sup>, mas também pela forte crença que Levin tinha de um provável triste "fim".

**Exemplo 8.** Enquanto eu lia esses mesmos exemplos e outros mais para meu amigo X, o exemplo precedente se encontrava entre os últimos. Meu amigo interpretou a expressão inicial "É o fim" como "a enumeração dos exemplos está terminada", enquanto a entonação de minha voz não lhe permitia nada disso. Essa forma de compreender a expressão "É o fim" se explica pelo fato de que X esperava apenas uma coisa, que os exemplos "acabassem", porque ele estava entediado de escutá-los.

§ 38. Se pensamos "em outra coisa", percebemos e compreendemos mal o que nos é dito, do mesmo modo que é comum não perceber (não "ouvir") absolutamente nada. Assim, a presença de uma estimulação verbal não é suficiente para o que se denomina percepção e compreensão da fala. Devemos pensar apenas na "mesma coisa" do que nos dizem: devemos ao menos assumir uma posição neutra em relação ao enunciado percebido.

O gérmen da estimulação verbal externa deve ser lançado sobre um terreno preparado, pois só nesse caso ele vai poder germinar. As palavras e as expressões bastante difundidas em nossa fala, assim como as diferentes formas de tratamento através das quais travamos uma conversação ("Com licença, o senhor poderia me dizer...", "Ivan Petrovič..." etc.), desempenham um papel de sinalizadoras para advertir que um enunciado está se iniciando; elas preparam o "terreno". Sabe-se o quanto é difícil compreender um interlocutor, quando ele muda bruscamente de assunto,

<sup>10</sup> A tradução das passagens de Tolstói é feita por nós mesmos de forma a preservar as ideias de Jakubinskij. Leon Tolstói era um dos autores preferidos dos formalistas russos, dele eles retiraram numerosos exemplos. V. Šklovskij explicou-se: "Na arte, a liberação do objeto do automatismo perceptivo se estabelece por meios diferentes [...] quero indicar um desses meios que L. Tolstói utilizava quase constantemente [...]. O procedimento de singularização em Tolstói consiste em não chamar o objeto por seu nome, mas descrevê-lo, como se o ele fosse pela primeira vez" (Šklovskij, 1917).

<sup>11</sup> N.L.J.: É nesse mesmo sentido que já interpretamos acima esse exemplo.

<sup>6</sup> Durante a guerra civil que sucedeu a Revolução de Outubro, os trabalhadores recebiam uma "ração" [paek] de produtos alimentares a título de salário.

<sup>7</sup> foršmak: picadinho de peixe ou de carne, cozido com batatas picadas.

<sup>8</sup> Grande praça do centro de São Petersburgo.

<sup>9</sup> Em russo na tradução francesa [n. da trad.].



ou mesmo um orador, quando começa a fazer digressões. Nesse caso, ele é interrompido por exclamações do tipo: "O que está havendo?", "Não entensinal complementar tal como: "De fato, quero falar de outra coisa".

Quando são inapropriados, os títulos dos artigos, que são uma espécie de sinais, orientando nossa percepção do que vem a seguir para determinadas direções, tornam essa percepção difícil. Tive a oportunidade de observar um caso muito curioso de percepção inesperada em relação a um relato (em Kalinyč<sup>12</sup>), embora esse relato não tivesse nada em comum com o relato de Turgueniev. Casos curiosos de compreensão da fala de outrem podem ser observados em concertos que não correspondem ao programa e onde não se avisam os espectadores dessas mudanças. Os espectadores levam certo tempo antes de se dar conta de que "não é isso", e de que anteriormente eles haviam percebido a música em razão de um programa incorreto.

Ocorrem casos de total não-compreensão e não-percepção durante a leitura, quando, desviados por uma ideia adventícia, continuamos a "ler", quer dizer, a percorrer as linhas com os olhos, mas sem estabelecer qualquer sentido. Forneço a seguir dois exemplos extraídos de *Anna Karenina* de Tolstói, que ilustram, por um lado, a relação entre a percepção e a compreensão da fala e, por outro, o nível de preparação da consciência.

*Exemplo 1.* "Durante todo o trajeto, os dois amigos se mantiveram em silêncio. Levin tentava interpretar a mudança repentina na fisionomia de Kitty... Entretanto, Stepan Arkadévich preparava o cardápio do almoço. — Você gosta de linguado, não é? perguntou ele a Levin assim que chegaram. — Como?... Ah, sim, linguado? Sim, adoro linguado" (Itálicos do autor, p. 44)<sup>13</sup>.

No nosso exemplo, Levin não estava preparado pelo fluxo de seus pensamentos anteriores para a pergunta sobre o linguado. É por essa razão que pede duas vezes para repetir ("o quê?" e "linguado?"). Ele termina por responder, mas sua resposta tem um caráter mecânico, o que é destacado por Tolstói pela palavra hiperbólica "adoro" [uzasno ljublju].

*Exemplo 2.* "Sempre admiro a forma clara e precisa com que seu marido se exprime, disse ela (Betsy)... — Oh! Sim! respondeu Anna, radiante de felicidade e sem compreender uma só palavra do que Betsy dizia" (I, p. 177).

<sup>12</sup> "O gambá e Kalinytch" (*Xor' i Kalinyč*): narrativa de Ivan Turgueniev publicada pela primeira vez em 1847 e reimpressa em *Memórias de um caçador*.

<sup>13</sup> N.L.J.: As citações de *Anna Karenina* são reproduzidas de acordo com a edição do *žurnal dlya vsekh* (Revista para todos), Petrogrado, 1916. As do volume I são referidas apenas pela página.

Aqui, a "resposta" afirmativa apoia-se na sensação confusa da compreensão entonativa da frase de Betsy, a qual provocou automaticamente o "consentimento" de Anna sem que ela ao menos levasse em conta o próprio conteúdo da frase.

§ 39. Compreendemos e percebemos melhor ainda a fala de outrem em uma conversa quando nossa massa aperceptiva tem muito em comum com aquela de nosso interlocutor. É isso o que faz com que a fala de nosso interlocutor possa estar incompleta e muito alusiva; e inversamente, quanto maior a diferença entre as massas aperceptivas dos interlocutores, maior a dificuldade de compreensão. Eis alguns exemplos.

*Exemplo 1.* "Com a testa franzida, Kitty se esforçava por compreender. Mas mal ele começou a explicar, ela já havia compreendido. Ela havia adivinhado completamente, e exprimi, de forma inteiramente clara, a ideia que ele expusera de forma confusa... Levin sorriu de felicidade: que diferença entre essa maneira sóbria, lacônica de transmitir os pensamentos mais complexos, quase sem palavras, e a discussão empolada e verborrágica com Pes-cov e seu irmão!" (*Anna Karenina*, p. 500)

*Exemplo 2.* "Ele (Levin) a (Kitty) compreendeu por sua simples alusão" (*Anna Karenina*, p. 500).

*Exemplo 3.* Um exemplo particularmente representativo desse tipo de fenômeno é a declaração de amor entre Kitty e Levin por meio das iniciais das palavras (*Anna Karenina*, p. 500-501); não cito essa passagem em razão de sua notoriedade<sup>14</sup>. Isso é importante, pois, nesse caso, como as consciên-

<sup>14</sup> Eis a passagem (trad. francesa anônima, Hachette, 1896): [Kitty] se aproximou de uma mesa de jogo, sentou-se e se pôs a desenhar círculos... com giz.

— Meu Deus! Eu cobri a mesa com meus rascunhos, disse ela devolvendo o giz, depois de um momento de silêncio, com um movimento que indicava a intenção de se levantar.

"Como farei para ficar sem ela?" pensou Levin com terror.

— Espere, disse ele ao se sentar próximo à mesa. Há muito tempo que eu queria lhe pedir uma coisa.

Ela o olhou com seus olhos enternecidos, mas um pouco inquietos.

— Peça.

— Eis aqui, disse ele, pegando o giz e escrevendo as letras g, v, d, e, i, e, i, s, a, o, o, que eram as primeiras das palavras: "Quando você disse 'É impossível', esse impossível significava agora ou sempre?"

Era pouco provável que Kitty pudesse compreender essa pergunta complicada. Levin olhou-o, entretanto, com um ar de homem cuja vida dependia da explicação desta frase.

— Leia, eu vou lhe confessar o que eu desejava; e vivamente ela traçou as primeiras letras das palavras: "Que você possa perdoar e esquecer".

Por sua vez, ele tirou o giz de seus dedos trêmulos e emocionados, e respondeu da mesma forma: "Nunca deixei de te amar."

Kitty o olhou e parou de sorrir.

— Eu entendi, ela murmurou.

cias estão orientadas na mesma direção, o papel das estimulações verbais é reduzido ao mínimo (às iniciais), e mesmo assim a compreensão se realiza sem erro. Ademais, vale salientar que esse caso foi retirado por Tolstói de suas próprias lembranças.

*Exemplo 4.* "Levin estava habituado a expressar sem temor seus pensamentos, sem a preocupação de envolvê-los em palavras precisas: ele sabia que sua mulher, em momentos de amor como aquele que eles estavam vivendo agora, compreenderia por uma simples alusão o que ele queria dizer-lhe. E ela compreendeu" (*Anna Karenina* II, p. 164).

*Exemplo 5.* "O professor, cheio de despeito e como que ferido por essa interrupção, examinou esse estranho inquisidor (Levin), mais parecido com um selvagem do que com um filósofo, e dirigiu a Sergej Ivanovič um olhar que parecia dizer: uma pergunta dessa merece resposta? Mas Sergej Ivanovič não falava com tanta aplicação e pobreza de espírito quanto o professor; ele tinha grandeza de espírito para poder, discutindo com ele, compreender o ponto de vista simples e natural que a questão havia sugerido; ele respondeu então sorrindo [...]" (*Anna Karenina*, p. 34).

Nesse caso, a não-compreensão da parte do professor é suscitada pelo fato de Levin não corresponder à imagem que ele tem dos "filósofos", pela intervenção insólita e inesperada de Levin na conversa e pela mentalidade limitada e estreita do próprio professor. Um fenômeno semelhante encontra-se no exemplo seguinte.

*Exemplo 6* "[...] Levin retomou a conversa com o proprietário da terra, e procurou fazê-lo compreender que toda dificuldade vinha do fato de que não eram levadas em conta as particularidades e os hábitos de nossos operários; mas como todas as pessoas habituadas a refletir solitariamente, o proprietário era particularmente obtuso quando se tratava de compreender o pensamento dos outros, e se apegava com paixão a suas próprias opiniões" (*Anna Karenina*, p. 422).

§ 40. Para compreender a fala, é necessário saber "de que se trata". Saber "de que se trata" abre um amplo espaço para compreender adicionando, embora a compreensão da fala ocorra por meio de uma simples alusão. Os exemplos abaixo têm o objetivo de esclarecer um pouco esse fenômeno.

*Exemplo 1.* "Com a rapidez de espírito que lhe era característica, ele (Stepan Arkadevič) compreendia o sentido de cada provocação (nas alusões de um artigo de jornal)" (I, p. 11-14). Nesse exemplo, a compreensão é da

— Você está brincando de secretário? disse o velho príncipe aproximando-se deles... mas se você quiser vir ao teatro, está na hora de sair.  
Levin se levantou e conduziu Kitty até a porta. Essa conversa decidida tudo: Kitty concassara que o amava, e havia permitido-lhe vir no dia seguinte de manhã falar com seus pais.

"alfinetada" foi possível, evidentemente, não só pela "rapidez de compreensão", mas também pelo fato de Stepan Arkadevič estar "a par", saber de que tratava o artigo, baseando-se em suas leituras anteriores, em conversas etc. Se ele compreendia, é justamente por estar "a par".

*Exemplo 2* "Ele (Stepan Arkadevič) abriu o telegrama, passou a vista, adicionando e reorganizando as palavras que estavam como sempre deformadas..." (*Anna Karenina* I, p. 8).

*Exemplo 3.* "Vejam, o que o leva a Moscou? — Você não adivinha? respondeu Levin... — Adivinho sim, mas não posso tomar a iniciativa de abordar isso... — Pois então o que você vai me dizer? Como você vê isso? [...] — Eu? [...] Pois bem, não há nada que eu queira mais do que isso, nada" (*Anna Karenina* I, p. 49).

Embora a palavra *isso* tenha aqui uma ligeira nuance de eufemismo, os interlocutores se compreendem, a despeito do tom lexicalmente vago da conversa, porque cada um sabe "de que se trata", devido às impressões precedentes, às conversas etc. Tudo isso cria um espaço propício para que os interlocutores façam uma conjectura correta sobre aquilo de que se fala. *Isso* na conversa entre Levin e Oblonski lembra a expressão francesa o *coisa*<sup>15</sup>, que pode substituir qualquer palavra sem prejudicar a compreensão, quando se sabe "do que se trata". Veja o caso de: "eu vi aquele coisa e ele me disse..."

*Exemplo 4.* Entre as minhas lembranças da infância, lembro-me de uma conversa com um colega de minha idade sobre a morte do prefeito de Kiev, Sof'skij. Era um "acontecimento" na cidade, os adultos falavam dele, nós fazíamos o mesmo. Durante uma brincadeira, perguntei de repente: "E por que ele morreu?" Minha pergunta, objetivamente desprovida de clareza, suscitou, no entanto, uma resposta imediata e adequada da parte do meu colega porque, visivelmente, seus pensamentos estavam voltados para Sof'skij na mesma intensidade que os meus.

*Exemplo 5.* "Ninguém ouviu o que ele (Nikolaj Levin) havia dito apenas Kitty havia compreendido. E se ela compreendia, é porque pensava continuamente naquilo de que ele necessitava" (*Anna Karenina* II, p. 80).

§ 41. A compreensão por conjectura e o fato de falar por alusões, quando se sabe "de que se trata", e uma certa comunidade de massas aperceptivas dos interlocutores, tudo isso tem um papel considerável durante a troca verbal. E. D. Polivanov tem toda razão de dizer<sup>16</sup>:

<sup>15</sup> Ou melhor, "Coisa", como em "Eu vi fulano", e não "a coisa" como corrige inadvertdentemente a edição Leont'ev de 1986.

<sup>16</sup> N.L.J.: E. Polivanov: "Po povodu zvukovyx žestov japonskogo jazyka" [Sobre os gestos sonoros do japonês]. Poética, [Petrogrado], 1919, p. 27-28.

Fundamentalmente, tudo o que dizemos necessita de um ouvinte compreendendo 'de que se trata'. Se tudo o que queremos dizer se encontrasse na significação formal das palavras que utilizamos, seria necessário empregarmos muito mais palavras para exprimir cada uma de nossas ideias do que na realidade fazemos. Na realidade, falamos somente com as alusões estritamente necessárias.

Para explicitar a expressão "falar por alusões" [*govorenije namekami*] na citação precedente, diremos que, nesse caso, a particularidade de uma construção sintática depende das condições da troca verbal, ou seja, de sua simplicidade objetiva em relação a uma fala mais discursiva, que se distingue pela ausência de identidade das massas aperceptivas. Entretanto, essa simplicidade da construção sintática pode ter, nesse caso, uma dupla origem, embora seja determinada por um mesmo fator. Com efeito, se há identidade das massas aperceptivas e se estamos certos de que o interlocutor vai compreender imediatamente o que lhe é dito, é possível não prestar atenção à fala, e "falar por alusões" torna-se "falar sem pensar": a enunciação, escapando ao controle da consciência, é influenciada por diferentes fatores psicofisiológicos independentes do locutor. Esse tipo de "sintaxe simplificada" vai se diferenciar do caso em que se espera conscientemente que nosso interlocutor compreenda. Nesse último caso, o processo de fala pode se desenrolar numa certa tensão, selecionando conscientemente as palavras com um máximo de fracionamento<sup>17</sup> sintático (que, no primeiro caso, estava reduzido ao mínimo). Nesse caso, as "alusões" verbais contêm de forma condensada as ideias expressas, elas serão saturadas de conteúdo. Quanto à simplicidade da fala, ela será construída de outro modo.

Evidentemente, "falar por alusões" não se reduz a uma construção sintática original, à utilização de uma "quantidade menor de palavras", como poderíamos pensar, confinando-nos à citação de Polivanov. Na realidade, a "fala por alusões" vai condicionar outros fenômenos linguísticos extremamente importantes.

Por exemplo, é ela que torna possível o uso definido (*der, o*) e indefinido (*ein, um*) das palavras<sup>18</sup>; o uso de toda palavra (*livro, mesa, lima*) num dado sentido concreto sem as restrições concretas correspondentes ("por

<sup>17</sup> *russlenennost'*: trata-se da teoria comunicativa da sintaxe de Šaxmatov, segundo a qual é necessário distinguir um conteúdo psicológico, que é a comunicação, e a organização "externa" gramatical, que é uma oração. A base comunicativa de uma oração é uma representação que pode ser expressa tanto por uma palavra quanto por desenvolvimento ou fracionamento [*razvikenennost'*] em várias palavras (cf. nota 3 do capítulo V).

<sup>18</sup> N.L.J.: Essas categorias existem evidentemente em cada língua, independentemente da presença ou não de um artigo definido ou indefinido.

alusões") só é possível quando se sabe "de que se trata", ou seja, quando se tem certa comunidade de massas aperceptivas. É nesse mesmo plano que se encontra um conjunto de fenômenos semânticos como a concretização do sentido das palavras. Enfim, a comunidade de massas aperceptivas em um dado meio condiciona um dos fatos fundamentais do desenvolvimento da língua: a formação dos diferentes dialetos sociais com suas particularidades no léxico, no emprego das palavras, na sintaxe etc.

§ 42. Nos parágrafos precedentes, ilustramos o fenômeno da apercepção na compreensão e na percepção, mas abordamos apenas as condições gerais. Resta, agora, estudar as particularidades da apercepção nas condições específicas do diálogo.

No início de uma conversação, a massa aperceptiva de um dado interlocutor é parcialmente constituída pelo que lhe é próprio e constante, mas ela se complexifica pelo aporte aperceptivo próprio desse momento, pela percepção do interlocutor e da situação e, finalmente, por uma representação mais ou menos concreta do assunto da conversação<sup>19</sup>. Essa base aperceptiva inicial do diálogo se complexifica e se transforma à medida que o conteúdo das réplicas do interlocutor é percebido. Assim, cada turno de fala se efetua tendo a massa aperceptiva como pano de fundo, a qual é efetivamente determinada pela última réplica que acabou de ser percebida. Se, ao perceber a última réplica, não temos consciência de que o que se diz foi compreendido e assimilado, haverá então pedido de repetição ou encerramento progressivo do diálogo. (Esclareço que se trata não de acordo com o pensamento do interlocutor, mas da consciência de que esse pensamento foi assimilado). Esse último caso nos interessa pouco, pois é o próprio objeto de nossa análise que desaparece. O primeiro caso suscita da parte do segundo interlocutor um enunciado mais claro do ponto de vista da expressividade, de modo que a atenção se concentra sobre a própria forma de expressão. Em seguida, ou a conversação continua, ou tende, pela repetição de tentativas desse tipo, ao esgotamento. Entretanto, se o conteúdo da réplica for assimilado, cada turno de fala seguinte torna-se mais fácil devido à introdução do conteúdo da réplica anterior na massa aperceptiva.

<sup>19</sup> Essa observação evoca o elo entre o fundo aperceptivo da recepção, isto é, uma esfera relativamente permanente do auditor, o conteúdo da última réplica de seu interlocutor que vem de alguma maneira modificar o "esquema mental anterior", a situação de enunciação e o propósito da conversa, tudo quase simultaneamente. Esse fenômeno foi novamente descrito nos anos 1960 pelos americanos H. Sacks e E. Schegloff (cf. nota 1 do capítulo V); a "complexificação" evocada aqui por Jakubinskij é hoje descrita como um "aumento da carga", e até como uma "sobrecarga cognitiva" (Paas, Renckl & Sweller, 2003).

A consequência disso é que, em cada caso concreto, a tensão propriamente verbal se enfraquece. Se existe comunidade da massa aperceptiva essencial, a composição verbal do enunciado simplifica-se consideravelmente, pois cada réplica seguinte reforça essa comunidade. Nesse caso, precisamos de um menor número de palavras e de menos rigor no seu uso.

A importância do caráter aperceptivo da percepção enquanto fator redutor do papel das estimulações verbais é mais visível na fala dialógica em geral e, mais particularmente, nos casos evocados do que na fala monológica, em que não há renovação da massa aperceptiva, na qual o locutor não tem a menor possibilidade de descobrir uma reação clara da parte daquele que vai perceber o que ele diz e onde; por essa razão, o que é propriamente verbal se realiza, consciente e inconscientemente, de modo mais completo e mais complexo.

## Os estereótipos do cotidiano e o diálogo

§ 43. Todo mundo conhece a conversa de duas comadres, uma delas surda: "Bom dia, querida. — *Fui ao mercado.* — Você é surda? — *Comprei um frango* — Até logo, querida. — *Paguei meio rublo por ele*".

Essa conversa é uma paródia dos "diálogos de surdos". Pode-se, contudo, encontrar certa sequência, uma espécie de coerência nas "respostas" da mulher surda. Elas são corretas numa certa medida, não em relação às perguntas, mas em relação a uma *situação cotidiana bem precisa*: o encontro de duas pessoas que se conhecem e a conversa estereotipada que elas podem ter por ocasião desse encontro.

Na realidade, a surda cometeu um erro logo no início: ela esqueceu que é necessário dizer "bom dia" quando se encontra alguém conhecido. Suas demais respostas seguiram uma sequência estereotipada de perguntas: onde ela foi? O que comprou? Quanto pagou? E aí sua interpretação é bem adaptada à situação: a "conversa" dela deveria se desenvolver do seguinte modo: "Bom dia, querida! — *Bom dia, querida!* Aonde você foi? — *Fui ao mercado.* — O que você comprou? — *Um frango.* — Quanto você pagou por ele? — *Paguei meio rublo*". A primeira comadre não adivinharia que a segunda é surda, e a conversa ocorreria de maneira perfeitamente satisfatória.

Os surdos nem sempre respondem de forma inadequada, podendo responder de modo apropriado, e, na maioria dos casos, o elemento determinante para eles é a consideração da situação, a orientação para um

estereótipo da vida cotidiana [*bytovoy žablón*], ao qual corresponde um estereótipo verbal [*žablón rečevoy*]. Em todo caso, mesmo que um surdo faça uma interpretação correta ou errada da situação de interlocução, essa e os da fala enquanto elemento eficaz da comunicação verbal. O estereótipo verbal é eficaz, evidentemente, não apenas para os surdos, mas também em geral.

§ 44. Nossa vida cotidiana é repleta de situações repetidas e estereotipadas. O conjunto de nossas interações com os outros é constituído em grande parte de interações estereotipadas<sup>1</sup>. Mas nas nossas interações, quaisquer que sejam, são sempre acompanhadas por interações verbais, quais-quer que sejam, as interações estereotipadas são cercadas por uma grande quantidade de interações verbais também estereotipadas. Um elo associativo muito estreito se estabelece entre umas e outras. Isso é pouco observado como, em geral, observamos pouco o que se tornou habitual, mas pode-se dizer que esse elo manifesta-se mesmo no plano temporal: certos fatos verbais correspondem a determinados momentos do dia. Nesse caso, o elo é tão forte que, em certos momentos do dia, aos quais correspondem certas ocupações da vida cotidiana, percebemos a fala de outrem em um sentido particular, muitas vezes incorretamente; temos dela uma percepção de acordo com o modo como levamos em consideração esse elemento do cotidiano mais comum. Eis alguns exemplos.

Minha tarefa habitual, "à noite", é preparar o samovar. Mas como essa ocupação me aborrece, fico habitualmente no meu quarto até o momento em que alguém grita: "Está na hora de preparar o samovar". Na minha cabeça, essa frase é tão ligada a esse momento, ali pelas nove horas da noite, que ela me faz atribuir uma percepção a frases cujo sentido não tem nada em comum com ela; daí a possibilidade de um diálogo desse tipo: "Você comprou o jornal de hoje? — É cedo ainda, vou colocá-lo daí a meia hora". Vê-se que esse diálogo desenvolve-se inteiramente no estilo "você é surdo por acaso?" A réplica é dada não em relação direta com a estimulação verbal concreta, mas em relação a essa estimulação, levando-se em conta (de forma evidentemente inconsciente) o estereótipo da vida cotidiana.

<sup>1</sup> *obščestvennyje žablony*, "os estereótipos sociais": vê-se ainda aqui a influência da psicologia social de Bekhterev, que via o indivíduo como um autômato submetido aos usos e costumes da sociedade.

<sup>2</sup> Fazer um samovar funciona exige muito cuidado: é necessário introduzir as brasas no conduto central procurando deixá-las bem ventiladas

Outro exemplo de diálogo do mesmo gênero: de manhã, grito do meu quarto: "Hoje o frio está congelando tudo!" — Alguém responde: "Já são dez horas". Essa resposta "errada" se explica pelo fato de que a primeira coisa que pergunto toda manhã é a hora, ou seja, "Está na hora de levantar?". Outro exemplo: saio do meu quarto e digo: "Coloquei em algum lugar a convocação?", — respondo-me: "Foi Annushka que telefonou". Na realidade, houve um telefonema que não ouvi, mas como habitualmente quero saber quem telefonou e pergunto, "responderam-me" dessa vez ainda, orientando-se para o diálogo estereotipado acerca da pergunta sobre "quem telefonou".

§ 45. É nos casos de resposta "errada", evidentemente, que se manifesta mais claramente a orientação para os estereótipos da vida cotidiana. Entretanto, nos casos normais, obviamente isso também ocorre.

Se em um apartamento, há alguém chamado Mícha e você grita: "Mícha!", ele ouve, compreende e lhe responde: "O que é?". O que torna possível essa compreensão sem falha, não é o fato de que ele tenha percebido a palavra *Mícha* de modo correto, mas que, até com uma percepção aproximada da palavra, ele tenha concluído de forma inconsciente que você já o tinha chamado antes e que ele adivinhou, efetivamente, o que você quer etc. Se você grita outro nome e não Mícha, ainda assim ele poderá percebê-lo como Mícha, pelas mesmas razões.

Se você está na mesa para almoçar e lhe pedem para passar um prato, o que o faz compreender as palavras que lhe são dirigidas não são apenas as palavras, mas a situação do almoço e o fato de que você deve passar pratos durante cada almoço, o que é um estereótipo de almoço.

Se você aborda um jornalista e lhe diz: "Por favor, me dê o *Vermelho*", ele compreende instantaneamente. Mas se você lhe perguntar: Como se vai à rua Černyšov?", sobretudo se não é um local para a venda dos jornais, ele não compreenderá tão facilmente. Ele lhe fará repetir, ou, então, em vez de responder, ele lhe estenderá talvez um jornal, porque, entre os fatores de compreensão, não haverá concordância entre a troca verbal e seu estereótipo na vida cotidiana. Um dia, eu vi uma senhora entrar num salão de beleza e pedir ao cabeleireiro: "O senhor pode comprar meu sabão?". Esse último replicou: "É para um corte?". Ele viu nela uma cliente e reagiu a sua pergunta de acordo com a temática habitual de um diálogo estereotipado de um salão de beleza.

<sup>1</sup> *Krasnaja*: trata-se de *Krasnaja gazeta* [o jornal vermelho].

§ 46. A acumulação de interações verbais estereotipadas sobre interações estereotipadas da vida cotidiana é fácil de ilustrar com o caso extremo de um meio muito fechado, monótono e cheio de estereótipos repetidos, como aquele que é apresentado por Maupassant na sua narrativa *Em família*<sup>4</sup>.

Trata-se do funcionário Caravan, que “levava uma vida normal de empregado”, “ele vinha invariavelmente ao seu escritório todas as manhãs, pelo mesmo trajeto, encontrando na mesma hora, nos mesmos lugares, as mesmas figuras de homens indo para seus negócios; e retornava toda a noite pelo mesmo caminho onde encontrava ainda os mesmos rostos que vira envelhecer. Todos os dias, depois de comprar seu jornal de um centavo na esquina do Faubourg Saint-Honoré, ia comprar seus dois pãesinhos, então entrava no ministério como um culpado [...] à espera de uma eterna reprimenda [...]” (p. 368). “Nunca aconteceu nada para mudar a ordem monótona de sua existência; pois nenhum acontecimento o atingia afora os negócios do escritório, os avanços e gratificações... Nunca seu espírito atrofiado... tinha outros pensamentos, outras esperanças, outros sonhos senão aqueles relativos ao seu ministério” (359). “Nunca se viu a um café para tomar um “copo de vermute”, encontrando *as mesmas pessoas* (362). É natural que essa monotonia do cotidiano, essa vida extremamente estereotipada tenham engendrado a mesma monotonia e estereotopia na fala: “E toda noite, jantando, ele argumentava energicamente diante de sua mulher... etc.” (359); quando recebia uma recompensa “ele dizia ‘meu Deus a todo momento’” (p. 360); “a conversa dos dois homens (Caravan e Chenet), do Arco do Triunfo até Neuilly, era sempre sobre os mesmos assuntos. E nesse dia, como nos precedentes, se ocuparam primeiramente das diferentes questões locais... Depois, como ocorre infalivelmente na companhia de um médico, Caravan abordou o capítulo de doenças...”, depois da longevidade de sua mãe, uma senhora de 90 anos, e “*repetia sem parar* para o Doutor Chenet: ‘O senhor vê outros chegarem a essa idade com frequência?’; no café, “palavras cordiais” foram trocadas, com o inevitável “Alguna novidade?” (p. 362).

Na casa de Caravan, reinavam também os estereótipos e a rotina: sua mulher passava seu tempo limpando a casa, usava “sempre as luvas de linha, enfeitava a cabeça com um boné com fitas coloridas sempre de lado, e repetia, cada vez que era surpreendida encerrando, escovando, polindo ou

<sup>4</sup> N.L.J.: *Obras completas*, edição Proszewiczenic, p. 357.

<sup>5</sup> Jakubinskij utiliza uma tradução russa de Maupassant. Nós usamos o texto original francês.

esfregando: “Não sou rica, em minha casa tudo é simples, mas a limpeza é meu luxo, e esse vale por outro”; *toda noite*, na mesa, e depois, na cama, conversavam longamente sobre os negócios do escritório...” (p. 363). Todo dia, quando Caravan voltava do trabalho, lhe perguntavam: “Quais as novidades no ministério?” (isso era dito por sua mulher e por sua filha, que falava exatamente como a mãe, repetindo suas expressões, imitando-a até nos gestos). Em relação a uma nova nomeação no ministério, Caravan repetia *uma velha brincadeira*; sua filha respondia com uma frase estereotipada: “Mas um que lhe passou a perna, então”; para descontraí-la, Caravan pronunciava a frase, sem dúvida, muitas vezes repetida: “A mamãe está bem, lá em cima?” (p. 366).

Em outra obra (*Fortes como a morte*; p. 61 da mesma edição), Maupassant destaca um estereótipo da vida cotidiana de um “homem mundano”: “Via-se o senhor vestido pelo camareiro, *exprimindo* primeiramente para o barbeiro que vinha barbado *algumas ideias gerais*, em seguida, no momento do passeio matinal, *interrogando* os cavaleiros sobre a saúde dos cavalos, trotando em seguida pelas aleias do bosque, com a única preocupação de cumprimentar e ser cumprimentado, depois almoçando em frente de sua mulher, que saíra de caleche, e lhe *falando* apenas para enumerar o nome das pessoas vistas de manhã, depois indo até a noite, de saílo em saílo, para *revigorar a inteligência no comércio de seus semelhantes*, e jantando nos salões de um príncipe onde se discutia a altitude da Europa [...]”.

Na vida privada, cada um de nós poderá observar esses elementos repetitivos, rotineiros, e as manifestações verbais estereotipadas que lhes correspondem. Podemos encontrar em certo grau (e *mesmo mais!*) o que Caravan manifesta em grau extremo em *cada um de nós*. Em cada um de nós encontra-se um Caravan da vida cotidiana, a quem corresponde um *Caravan verbal*.

§ 47. Voltemos às ideias expressas no primeiro parágrafo deste capítulo sobre a correspondência entre os estereótipos da vida cotidiana e os da fala. Trata-se de um elemento-chave da comunicação verbal, que determina a percepção da fala e, por conseguinte, o próprio processo da fala. Tentemos fazer um balanço das observações precedentes.

A conclusão é a seguinte: na comunicação dialógica (tratamos aqui desta última), o ambiente cotidiano na esfera privada é um dos fatores de percepção da fala, um dos elementos *portadores de informação*. Nessas condições, se reduz o papel das estimulações verbais, que são, de certa forma,